

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

ENTRETANTOS

Orientandas

BEATRIZ CANTO LOPES BASTOS

JULIANA SEVERINO

LETÍCIA BORBA DE ALMEIDA

LÍVIA SARNO

Orientadora

Prof^a. Dra. LORIZA LACERDA DE ALMEIDA

Banca examinadora:

Prof. Me. GLAUCO MADEIRA DE TOLEDO

Prof^a. Dra. ANA BEATRIZ PEREIRA DE ANDRADE

Bauru – SP
2015

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

ENTRETANTOS

Orientandas
BEATRIZ C. L. BASTOS
JULIANA SEVERINO
LETÍCIA B. DE ALMEIDA
LÍVIA SARNO

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", atendendo à resolução de número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dra. LORIZA LACERDA DE ALMEIDA

Bauru – SP
2015

Dedicado a todos que, em algum momento, se sentiram excluídos ou estigmatizados
pelo circuito de retratação da grande mídia.

Agradecemos primeiramente à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", pelo ambiente de aprendizado, reflexão e desenvolvimento;

À Profa. Dra. Loriza Lacerda de Almeida, pelas horas dedicadas à nós e ao nosso projeto, e pelas valiosas dicas, disposição e orientação dentro desse processo;

Aos professores que trouxeram diversas reflexões ao longo da graduação, em especial à Profa. Marcela Pastana, por nos trazer novas percepções, abrindo caminhos para ressignificarmos nossos trabalhos e a nós mesmas;

Aos nossos familiares, pelo apoio, incentivo e confiança em nós durante todos os anos;

Aos nossos amigos, por muitas vezes representarem um lar;

E, finalmente, agradecemos imensamente à todas as pessoas que acreditaram e se envolveram nesse projeto, entre entrevistados, equipe e apoio, sem os quais sua conclusão não seria possível.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Referenciais teóricos	
1.1 Outsiders e a representação midiática.....	13
1.2 Documentário e a questão da representação.....	15
1.3 Referenciais estéticos.....	16
Capítulo 2 – O projeto.....	22
2.1 Youtube.com.....	23
2.2 Os entrevistados.....	24
Capítulo 3 – Etapas da produção	
3.1 Pré Produção.....	27
3.1.1 Cronograma.....	27
3.1.2 Equipe.....	28
3.1.3 Captação de recursos.....	30
3.1.4 Contato com os entrevistados.....	31
3.1.5 Locações.....	32
3.1.6 Equipamentos.....	34
3.2 Produção	
3.2.1 Eu não sou meu sexo.....	35
3.2.2 Preconceito tamanho GG.....	39
3.2.3 Mundo da rua.....	42
3.2.4 Sexo? Prefiro bolo!.....	46
3.2.5 Tire seu racismo do meu corpo!.....	50
Capítulo 4 – Relatório das áreas	
4.1 Direção e roteiro.....	55
4.2 Fotografia.....	56
4.2.1 Mapas de luz.....	57
4.3 Áudio.....	59
4.4 Arte.....	61
4.5 Pós-produção	
4.5.1 Montagem.....	62
4.5.2 Detalhes do cenário.....	62

4.5.3 Correções de Cor.....	63
4.5.4 Edição.....	63
Considerações Finais.....	68
Links para acesso aos vídeos.....	69
Referências bibliográficas.....	70
Anexos.....	75

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Cenário do Canal das Bee.....	17
Imagem 2 – Vlogueira Grace Halbig.....	18
Imagem 3 – Vlogueiro Tyler Oakley.....	18
Imagens 4 e 5 – Planos detalhe e próximo de <i>How did it feel to come out?</i>	19
Imagem 6 – <i>Frame</i> de <i>Whores' Glory</i>	20
Imagem 7 – Mapa <i>Trans Murder Monitoring</i>	38
Imagem 8 – Mapa de luz do cenário principal.....	57
Imagem 9 – Mapa de luz do Restaurante PicNic.....	58
Imagem 10 – Mapa de luz do Bar/loja Caos.....	58
Imagem 11 – <i>The OC</i> e exemplo de borda escura.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma de produção.....	27
Tabela 2 – Primeira divisão das equipes por vídeo.....	29

RESUMO

Entretantos é um canal na plataforma online YouTube que tem como principal objetivo o fornecimento de voz e espaço a grupos excluídos ou mal representados pela mídia tradicional. Através de entrevistas organizadas em forma de minidocumentários, o projeto buscou apresentar as realidades, por quem as vive, de pessoas transgêneras, mulheres gordas, pessoas em situação de rua, assexuais e mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE

Representatividade; Minidocumentário; Transgeneridade; Situação de rua; Gordofobia; Assexualidade; Hipersexualização.

INTRODUÇÃO

Introdução

O documentário surge praticamente concomitante ao cinema. A dificuldade de carregar a câmera, por conta de seu peso, fez com que os primeiros filmes dos irmãos Lumière fossem registros documentais de funcionários saindo de uma fábrica (A saída dos operários da fábrica, 1895), e um trem chegando à estação ferroviária (A chegada do trem à estação Ciotat, 1895).

Assim como o cinema, o gênero documental viria a se desenvolver com o passar do tempo e, sua linguagem, como conhecemos hoje, só veio a nascer na década de vinte, com o filme *Nanook*, o esquimó (Robert Flaherty, 1922). Nesse aspecto, com esse desenvolvimento, criou-se um debate acerca das diferenças entre o que é documentário e o que é ficção, uma vez que películas ficcionais podem se utilizar de imagens e sons documentais, bem como documentários podem ter elementos de ficção em sua narrativa, como o citado anteriormente *Nanook*, em que várias situações foram recriadas por conta da dificuldade de se gravar a realidade delas. Apesar disso, de acordo com a definição oferecida pela *Word Union of Documentary* (1948)¹, acredita-se que o intuito de um filme documental é ampliar o conhecimento e as relações humanas, além de apontar problemas e sugerir possíveis soluções para os mesmos.

É nesse sentido que a ideia do canal Entretantos² foi concebida. Assim, o projeto tem como principal objetivo a utilização do YouTube, plataforma online de compartilhamento de vídeos, para divulgar minidocumentários sobre grupos excluídos ou estigmatizados pela grande mídia, de modo a problematizar os efeitos que a pouca ou má representatividade acarreta na vida pessoal desses indivíduos. A escolha da utilização do Youtube como plataforma de divulgação desses documentários se deu pelo fato desta rede social online ser uma das mais acessadas no Brasil³, o que permite que o conteúdo publicado seja ofertado a um grande número de pessoas e que cumpra, portanto, sua meta de oferecer espaço e voz a quem não costuma ser ouvido, transmitindo conhecimentos sobre assuntos tidos como polêmicos.

¹ Definição tirada como citação do artigo de Bondebjerg, disponível em <www.academia.edu/1980789/Narratives_of_Reality_Documentary_Film_and_Television_in_a_Cognitive_and_Pragmatic_Perspective>. Acesso em 05 fev. 2016.

² Site disponível em <www.youtube.com/channel/UCCZTZy0UZbjexT-6R-xwpZA>

³ Dados fornecidos por Marketing de Conteúdo. Disponível em <<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em 04 fev. 2016

CAPÍTULO 1
REFERENCIAIS TEÓRICOS

Capítulo 1 – Referenciais teóricos

1.1 *Outsiders* e a representação midiática

O padrão social, seja ele referente a um grupo específico ou uma civilização inteira, engloba um conjunto de normas que guiam comportamentos, atitudes e pensamentos de seus membros, podendo ser cruel com aqueles que não os seguem. Nesse sentido, Elias (2000) desenvolveu um estudo em uma comunidade inglesa, a qual denominou de Winston Parva, de modo a preservar a identidade de seus membros. De acordo com a nota introdutória de “Os estabelecidos e os *Outsiders*”, feita por Mennel, percebe-se que, através do estudo particular do processo que compunha as relações e interações sociais desse lugar, Elias foi capaz de

esclarecer processos sociais de alcance geral na sociedade humana – inclusive a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante (MENNEL, 1994, p. 13)

Elias (2000), assim, acredita que há dois grupos de indivíduos na composição das relações sociais. Um deles, os *establishment*, inclui os sujeitos “humanamente superiores” (p. 20) que, através de sua posição de prestígio e consequente influência, “fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros” (p. 07). Enquanto isso, os *outsiders* englobam os “não membros da ‘boa sociedade’” (p. 07), e formam um aglomerado no qual os “laços sociais” (p. 07) são menos consistentes do que em relação ao primeiro grupo. Desse modo, os *outsiders* ficam à merce dos julgamentos dos *establishment* que, através da sua influência e poder, “podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes — julgando-se humanamente inferiores” (p. 20).

Como Elias nota em seu estudo, o poder de marginalização de grupos poderosos perante os excluídos é “um tema universal” (p. 19). Goffman (1988) também aborda o assunto em seu livro “Estigma”, apontando como categorias e valores impostos aos indivíduos afetam a sua existência e também as percepções dentro da sociedade, tanto no plano coletivo, como no subjetivo. São, então, demonstrados três diferentes tipos de estigmas: os relativos ao corpo; os estigmas de

caráter individual (aqueles ligados a diversos vícios e características de personalidade); e, por fim, os estigmas de religião, nação e raça. (GOFFMAN, 1988)

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. (GOFFMAN, 1988, p. 11)

Desse modo, entende-se que as obras são contemplativas para guiar a produção do que vem a ser o projeto Entretantos, que tem como principal objetivo a criação de um espaço de representação que oferece voz a grupos excluídos ou estigmatizados pela grande mídia. Ao escolhermos esse como tema principal do nosso trabalho, levamos em consideração as categorias criadas por Goffman e também o processo de discriminação e falta de representação responsável das pessoas estigmatizadas. Nesse aspecto, sabe-se que

As grandes corporações midiáticas - jornais, rádio, televisão e internet são criadas e dirigidas majoritariamente, pela e para a classe dominante. São continuamente utilizadas para construir e divulgar a ideologia dominante, ou seja, a ideologia que dá sustentação a sociedade capitalista. Na sociedade capitalista, sob a lógica do mercado, do consumo, do individualismo, estrategicamente, os meios midiáticos, em especial, a televisão, orientados pela burguesia têm se mostrado eficazes na produção e/ou na promoção e difusão de estilos de vida, ideologias, comportamentos que buscam promover a satisfação e a tranquilidade das pessoas numa sociedade permeada por contradições, violências e desigualdades (MARQUES, 2009, p. 02)

Assim, busca-se fugir dos modelos atualmente impostos por grande parte desses meios de comunicação e representação, definindo que somente quem passa pelos estigmas abordados nos vídeos do canal teria voz na produção, na tentativa de manter, enquanto possível após um processo de edição, o máximo de integridade das falas de nossos entrevistados. Além disso, visa-se, com as produções de Entretantos, reflexões sobre os temas abordados de modo a quebrar tabus e preconceitos, o que poderia refletir, quem sabe, em mudanças comportamentais que reproduzam padrões estigmatizadores que tanto prejudicam a vida dos *outsiders*.

Um bom documentário nunca se acaba, jamais encerra um tema. Mostramos os fatos de um máximo de pontos de vista possíveis e deixamos ao espectador as interpretações. O documentário que se preza não pretende convencer o espectador, mas fazer refletir sobre o tema. (COMPARATO, 2009, p. 328.)

1.2 Documentário e a questão da retratação

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões filmicas do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. (NICHOLS, 2005, p. 29)

É possível comparar a proposta do canal Entretantos com essa afirmação de Nichols, afinal, tendo como principal tema a “invisibilidade”, o canal possui a intenção de levantar questões e problemas sobre assuntos pouco discutidos e, com isso, convidar tanto o entrevistado quanto o público a refletirem sobre os temas e, quem sabe, até mudarem comportamentos que propagam preconceitos.

O conceito de documentário tende a ser atrelado ao conceito de realidade, uma vez que uma de suas funções, segundo Ramos (2008), é a “busca por asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa” (p.22). Quando ouvimos uma mulher negra sobre como ela é hipersexualizada, por exemplo, estamos buscando compreender sua realidade, e podemos, ou não, entender tal realidade como uma asserção sobre o mundo.

Essa discussão sobre a verdade é uma das mais importantes quando se fala sobre o gênero, uma vez que ele se propõe a mostrá-la.

A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros (NICHOLS, 2005, p.29).

Nesse sentido, Ramos (2008) observa que o conceito de verdadeiro muitas vezes se confunde com a definição de interpretação. Isto é, o que uma pessoa entende como realidade pode ser apenas sua interpretação sobre um dito assunto. Podemos afirmar, portanto, que nem todo documentário mostra a verdade, uma vez que ela pode ser manipulada, gerando diferentes interpretações.

Um documentário pode ou não mostrar a verdade (se é que ela existe) sobre um fato histórico. Podemos criticar um documentário pela manipulação que faz das asserções que sua voz (over ou dialógica) estabelece sobre o mundo histórico, mas isso não lhe retira o caráter de documentário. (RAMOS, 2008, p. 30)

Tendo em mente de que a realidade também é manipulável na obra documental, as diretoras de Entretantos optaram por conhecer a realidade sobre as temáticas abordadas por quem as vive, de modo a interferir minimamente no que seria retratado. Além disso, nos vídeos, a presença de apenas entrevistados falando sobre suas vivências, sem a aparição das diretoras, é importante para a construção de um produto que procura passar maior credibilidade sobre os temas que aborda. Desse modo, ao colocar pessoas reais, não personagens, frente à câmera, pedindo que elas exponham suas próprias vivências, evitamos depoimentos que se baseiem apenas em interpretações sobre os temas, proporcionando que aqueles que têm pouca representação na mídia discorram, de fato, sobre suas realidades.

1.3 Referenciais estéticos

Para a produção dos vídeos que seriam produzidos para o canal Entretantos, fizemos uma vasta busca por vídeos na internet que serviram de referência para o grupo, tanto em relação ao conteúdo, quanto à estética.

Apesar de já possuímos documentários para o cinema e televisão como referência, consideramos relevante assistir esses outros vídeos, feitos exclusivamente para a internet, uma vez que eles seguem a linguagem da plataforma que exploraríamos: a World Wide Web, mais precisamente a do site youtube.com.

Nesse aspecto, a maior referência de Entretantos foi o canal brasileiro Canal das Bee. Criado pela paulistana Jéssica Tauane, como seu projeto de conclusão de curso, o canal é atualizado semanalmente com vídeos que abordam pautas do movimento LGBT. Com intuito, no geral, similar a do canal Entretantos, a proposta do Canal das Bee é garantir visibilidade a uma comunidade que comumente é atingida por preconceito e discriminação. A principal diferença entre os canais, então, se dá pelo detalhe de que os vídeos do Canal das Bee são feitos em formato de entrevista, ou seja, Jéssica, criadora e também entrevistadora do canal, aparece em todos os vídeos, às vezes acompanhada de outro apresentador, fazendo perguntas aos convidados e mediando o rumo da conversa, o que foge da linguagem documental e se assemelha mais ao jornalismo. Assim, nos minidocumentários de Entretantos, optamos por dar espaço de fala somente aos que estavam na frente das câmeras, sem qualquer intervenção, em especial, das produtoras.

As entrevistas do Canal das Bee, todavia, foram de grande relevância para observarmos como Jéssica mediava suas conversas, sabendo o que perguntar e a maneira correta de realizar a pergunta, o que foi importante para a parte prática, de execução, do nosso projeto. Afinal, estaríamos lidando com realidades que fogem totalmente da nossa, e não ofender nossos entrevistados nem causar qualquer constrangimento era um objetivo a ser fielmente cumprido.

Em relação ao cenário, a parede com imagens coladas ao fundo também foi baseada no cenário utilizado no Canal das Bee. Afinal, é uma maneira simples e de baixo custo de se construir um ambiente cenográfico, com a vantagem de que é possível alterá-lo com frequência, sem acrescentar, com isso, muitos custos ao projeto.

Aliás, a alteração no cenário era um ponto bastante relevante para os produtos do canal Entretantos. Nesse sentido, era de extrema importância que as imagens de fundo variassem de acordo com as temáticas abordadas, pois, assim, a particularidade de cada tema seria respeitada e os entrevistados não estariam inseridos todos no mesmo grupo dos “excluídos”. Cada um teria, portanto, seu cenário exclusivo, com ícones que somassem ao debate, uma vez que as imagens coladas na parede tinham como proposta dialogar com a fala do entrevistado, de modo a reforçar e até mesmo complementar o que o mesmo dizia.

Imagem 1 – Cenário do Canal das Bee



Fonte: www.youtube.com/watch?v=5ADYQO50c44. Acessado em 21/01/2016.

Para a iluminação dos minidocumentários, seguimos a linha dos famosos videologs – vídeos em que pessoas que, à princípio, não são famosas, discorrem sobre diversos assuntos de seu cotidiano. Os videologs são produções simples, que não requerem muito além de uma câmera e um computador. Entretanto, os vlogueiros que tem um maior número de visualizações tendem a se preocupar em gravar seus vídeos com boa qualidade de imagem e de áudio. Utilizam, então, dois ou três pontos de luz fria, apenas com a intenção de fotografar melhor, sem adicionar teor dramático ao produto. Para exemplificação de vlogueiros que utilizam esse tipo de iluminação, têm-se os americanos Grace Helbig⁴ e Tyler Oakley⁵.

Imagem 2 – Vlogueira Grace Helbig



Fonte:

[:www.youtube.com/watch?v=xs4fZ1bCH7M](http://www.youtube.com/watch?v=xs4fZ1bCH7M).
Acessado em 21/01/2016.

Imagem 3 – Vlogueiro Tyler Oakley



Fonte:

www.youtube.com/watch?v=zJrcULGLXKI.
Acessado em 21/01/2016.

Outra influência bastante significativa para os minidocumentários do canal foi o vídeo *How Did it Feel to Come Out*⁶, do site americano BuzzFeed. Nele, diversas pessoas relatam suas experiências sobre quando assumiram uma orientação sexual que foge a do padrão heteronormativo. Assim, o vídeo, que possui aproximadamente três minutos de duração, foi uma referência importante em relação ao efeito que pretendíamos alcançar com os minidocumentários: um balanço entre “leve” e “pesado”, cômico e dramático. Nesse sentido, a intenção era de que os entrevistados pudessem falar de sua vida e experiências, mesmo que ruins, e, ao mesmo tempo, não deixar o espectador desesperançoso ao final da exibição. Desse modo, a ideia da leveza carrega consigo a positividade que desejávamos passar com os produtos, com a sugestão de que a mudança é possível. É essa linha que *How Did it Feel to Come Out* segue, intercalando, na montagem, experiências boas e ruins, piadas com

⁴ Disponível em <www.youtube.com/user/graciehinabox>. Acesso em 21 jan. 2016

⁵ Disponível em <www.youtube.com/user/tyleroakley>. Acesso em 21 jan. 2016

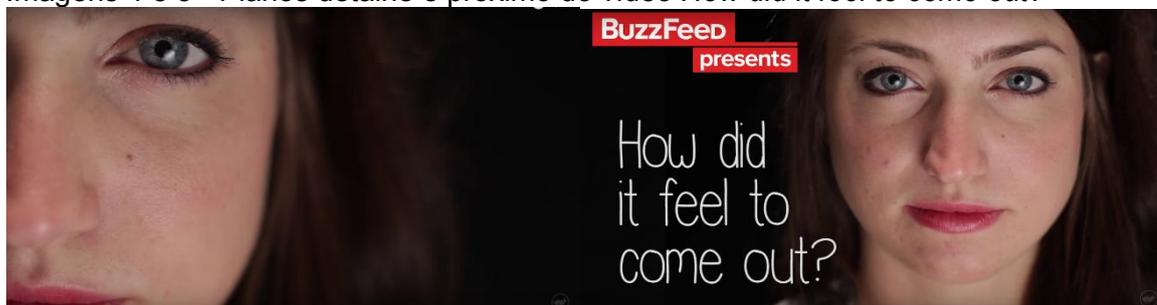
⁶ Disponível em <www.youtube.com/watch?v=Dp4s8yiDnUA>. Acesso em 20 jan. 2016

ocorridos passados, e mensagens de como a vida de todas aquelas pessoas melhorou depois que se assumiram.

Além disso, pode-se observar nesse vídeo que grande parte das sensações que ele cria no espectador se dá por conta dos planos detalhes e próximos, outra inspiração para os minidocumentários. Desse modo, os planos detalhes de diferentes partes do corpo tornam possível uma melhor leitura da linguagem corporal do entrevistado. Enquanto uma mão ansiosa pode indicar seu nervosismo, o detalhe de um sorriso pode mostrar o alívio. Já o plano próximo do rosto das pessoas, por exemplo, traz a impressão de proximidade ao espectador, tornando-o quase que íntimo daquele que fala. Martin (2005) fala sobre isso em seu livro “A linguagem cinematográfica”, ao citar Jean Epstein.

Entre o espectáculo e o espectador não há qualquer rampa. Não se olha a vida, penetra-se nela. Esta penetração permite todas as intimidades. Um rosto, ampliado pela lente, pavoneia-se, revela a sua geografia fervente (EPSTEIN, 1946, p. 171 *apud* MARTIN, 2005, p. 48)

Imagens 4 e 5 - Planos detalhe e próximo do vídeo *How did it feel to come out?*



Fonte: www.youtube.com/watch?v=Dp4s8yiDnUA. Acessado em 20/01/2016.

Com a possibilidade de filmarmos alguns depoimentos ao ar livre, o cenário interno seria deslocado para o ambiente urbano. Como referência para essa situação, tivemos o documentário “A Glória das Prostitutas” (*Whores’ Glory*), de Michael Glawogger, em que as personagens, mostradas em seu próprio ambiente de trabalho, são iluminadas pela luz natural, utilizando-se no máximo de um rebatedor.

Imagem 6 – *Frame* de *Whores' Glory*, em que personagem é iluminada pela luz natural



Fonte: *Whores' Glory*. Direção de Michael Glawogger. 2011.

CAPÍTULO 2

O PROJETO

Capítulo 2 – O Projeto

Para o projeto de Entretantos, consideramos a definição oferecida pela *World Union of Documentary* (1948) referente ao gênero audiovisual documental:

todo método de registro de celuloide de qualquer aspecto da realidade interpretada tanto por filmagem factual quanto por reconstituição sincera justificável, de modo a apelar seja para razão ou emoção, com o objetivo de estimular o desejo e ampliação do conhecimento e das relações humanas, como também colocar verdadeiramente problemas e suas soluções nas esferas das relações socioeconômicas, culturais e humanas (BONDEBJERG, 1994, p. 3 *apud* BARSAM, 1973, p. 1. Tradução nossa.)

Pode-se afirmar que a ideia central do canal Entretantos encaixa-se perfeitamente nessa definição, ou seja, o objetivo do projeto é usufruir da internet, meio amplamente utilizado nos dias atuais, como plataforma para garantir espaço e voz a grupos que são “invisibilizados” pela sociedade e, desse modo, proporcionar novas perspectivas capazes de gerar discussões, reflexões e até mesmo quebra de preconceitos. Sobre o termo “invisíveis”, Luiz Eduardo Soares (*apud* Rodrigues), professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, explica que

uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma que decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Quando isto é feito, a pessoa é anulada, pois passa a ser vista como reflexos do nosso etnocentrismo, pois se ignora tudo aquilo que o sujeito é enquanto alguém carregado de subjetividade (coletiva), idiosincrasias, enfim tudo aquilo que faz dele um ser-humano único. (SOARES, 2005 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 03)

Assim, como proposta, temos a criação de um canal no site youtube.com, em que minidocumentários com temáticas diferenciadas seriam postados semanalmente. Ao todo, seriam produzidos cinco minidocumentários, escolha baseada no provável baixo orçamento total da produção. Em cada um dos vídeos, entre três a cinco pessoas fariam sobre suas vidas e suas experiências, como parte desses grupos marginalizados. O nome “Entretantos”, inclusive, veio depois de uma grande reflexão conjunta da equipe, que buscava um título que deixasse clara a intenção do canal.

A escolha dos temas que poderiam ser abordados foi uma das partes mais difíceis do processo. Como gostaríamos de falar sobre assuntos muito amplos, como

exemplos os temas “sexualidade” e “feminismo”, os minidocumentários corriam o risco de ficar vagos e pobres de conteúdo, já que pouco poderia ser aprofundado entre 15 a 20 minutos de exibição. Após algumas conversas entre o grupo, no entanto, foi decidido que seriam abordados assuntos mais específicos, e sugestões como transgeneridade, bipolaridade, gordofobia, depressão, pessoas em situação de rua, tabus sobre idosos em nossa sociedade, assexualidade e hiperssexualização da mulher negra foram sugeridos. Por votação, os temas transgeneridade, gordofobia, pessoas em situação de rua, assexualidade e hiperssexualização da mulher negra foram os escolhidos já que, desse modo, poderíamos pautar o preconceito tanto em relação à gênero e sexo, quanto classe social, aparência ou racismo.

Uma das maiores preocupações com o material que iríamos produzir se deu pela questão da representatividade, pois entendemos que os grupos que optamos por retratar não são homogêneos e, por isso, a vivência das diferentes pessoas que fazem parte deles é relevante. Assim, decidimos por uma produção que abrangesse além do meio universitário, e que não houvesse apenas pessoas de uma mesma faixa etária e classe social falando sobre os temas. Desse modo, definimos que iríamos ao menos tentar entrevistar pessoas diferentes umas das outras, fosse essa diferença dada através da faixa etária, etnia, identidade de gênero, entre outras.

2.1 Youtube.com

Em 14 de fevereiro de 2005, quando registramos o domínio do YouTube, queríamos criar um lugar onde qualquer um com uma câmera de vídeo e conexão com a Internet pudesse compartilhar uma história com o mundo. (HURLEY, 2010)

É assim que Chad Hurley, co-fundador e CEO do site youtube.com inicia seu texto “O Youtube e a revolução dos vídeos online”, no blog oficial da plataforma.

Nesse sentido, a escolha de utilizar o Youtube como meio através do qual os minidocumentários seriam exibidos se deu por duas razões principais: a facilidade do produtor em disponibilizar seu conteúdo, o que fica evidente na declaração de Hurley; e o fato de a internet estar se mostrando, ao longo do tempo, uma mídia cada vez mais democrática. Essa última opção fica clara na declaração de Lemos (2009), pela qual afirma que “Hollywood e a Rede Globo têm que competir com pessoas que

produzem vídeos e os colocam no YouTube, realizando ‘uma transferência de poder’” (p. 99). Transferência de poder, nesse sentido, equivale ao fato de a produção de conteúdos, nos dias atuais, não depender apenas dos grandes veículos de comunicação, e isso deve muito à Internet e suas plataformas, como o Youtube.

Para se fazer o *upload* de vídeos nesse site, basta uma conta de e-mail cadastrada, não sendo necessário, assim, pagar pela exibição do conteúdo. Além disso, não há um limite sobre a quantidade de *uploads*. A grande vantagem, portanto, é que, mesmo com um baixo orçamento, tem-se a possibilidade de disponibilizar conteúdos ilimitados para o mundo inteiro.

Nesse aspecto, dados fornecidos pelo próprio Youtube apontam que o site possui versões em mais de setenta países, contabilizando mais de um bilhão de usuários cadastrados, o que calcula-se ser quase um terço de usuários da internet.⁷

É possível gerar renda com os vídeos pela plataforma, apesar de ser um processo mais lento, em que primeiro é necessário ser um parceiro do Youtube, para então ativar a rentabilização dos vídeos. Descartamos essa opção pois, uma vez que uma das propostas do canal é somente dar espaço para pessoas falarem, não faria sentido lucrar em cima de suas experiências.

2.2 Os entrevistados

Como dito anteriormente, pretendíamos encontrar pessoas diversificadas para cada minidocumentário, evitando, com isso, que os vídeos só dessem espaço de fala para pessoas do meio universitário, o meio mais próximo da equipe de Entretantos. Assim, pretendíamos contar com a ajuda de grupos específicos de cada tema, com exceção das pessoas em situação de rua, no Facebook.com. Segundo dados de 2013, o Facebook é a rede social mais acessada no Brasil⁸, o que faz do site um meio bastante vantajoso para se encontrar pessoas de diferentes faixas etárias, classes

⁷ Dados fornecidos pelo Youtube.com através do endereço <<https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>>. Acesso em 08 de jan. de 2016.

⁸ Dados da pesquisa “Hábitos e Comportamento dos usuários de redes sociais no Brasil.”, realizada pela empresa E.life. <http://elife.com.br/cadastropapers/?paper=elife_estudo_de_habitos_em_redes_sociais_2013>. Acesso em 08 de jan. de 2016>

sociais e etnias. Por esse motivo, faríamos posts em diversas páginas explicando o projeto e pedindo colaboração, tanto na elaboração das perguntas, quanto para que seus membros nos cedessem entrevistas. Além desses grupos, coletivos e ONGs relacionadas às temáticas eram opções de consulta.

Pela questão orçamentária, não pretendíamos entrevistar pessoas fora do estado de São Paulo. Assim, moradores do interior do estado, principalmente os residentes das cidades próximas a Bauru, ou moradores da própria capital, eram nossa preferência, pois isso tornava mais fácil a locomoção deles por e para Bauru, ou da equipe para capital.

CAPÍTULO 3
ETAPAS DA PRODUÇÃO

Capítulo 3 – Etapas da Produção

3.1 Pré-produção

Após chegarmos em uma proposta final do que seria o canal Entretantos, que temas abordaríamos e o estilo que pretendíamos seguir em nossos vídeos, foi iniciada a pré-produção do projeto, que passou por várias etapas. Primeiro, elaboramos o cronograma que guiaria o projeto. Depois, definimos a equipe que nos ajudaria com o trabalho e suas respectivas funções. A partir daí, partimos para a captação de recursos, junto com nossas produtoras, e também pela busca de locações. Para a equipe técnica – som e fotografia – ficou a responsabilidade sobre a busca e reserva dos equipamentos que utilizaríamos.

3.1.1 Cronograma

Para a realização do projeto, foi montado, no mês de agosto de 2015, o seguinte cronograma:

Tabela 1 – Cronograma de produção

ATIVIDADES/SEMANAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Definição final dos temas e nome do canal	X															
Contato com possíveis entrevistados de acordo com os temas escolhidos		X														
Reunião geral com equipe de apoio – Apresentação do projeto e fechamento de equipes de cada vídeo		X														
Plano de patrocínio e possíveis empresas que se encaixam no perfil do projeto			X													
Reunião com a equipe de produção para planejamento do Marketing no canal			X													
Definição da identidade visual do canal			X	X												
Brainstorming para teaser do canal				X												
Produção e pós-produção do vídeo teaser. Busca por patrocínio virtual.				X	X											
Publicação do teaser					X											
Busca por patrocínio – pessoalmente. Produção de Arte. Contato com entrevistados selecionados para agendamento de gravação.						X	X									
Gravações								X	X	X	X					
Pós-produção dos primeiros vídeos											X	X				
Lançamento do Canal Entretantos												X				
Pós-produção dos demais vídeos e interação com público do canal e redes sociais.												X	X			
Relatório Final													X	X	X	X

Poucas foram as alterações que precisaram ser feitas nessa proposta inicial de cronograma. Nesse sentido, houve atraso na criação da identidade visual do canal e

na data de lançamento do *teaser* de divulgação. Além disso, o lançamento oficial do canal teve que ser adiado em uma semana, para que houvesse mais tempo para a pós-produção dos vídeos. Isso não afetou, no entanto, o andamento do projeto, pois todas as imagens já estavam captadas e nada dependia do lançamento do canal naquela data exata, que foi escolhida aleatoriamente pela equipe, que acreditava estar com parte dos materiais finalizados até ela.

Aliás, o lançamento dos vídeos do canal nas datas marcadas (seriam postados semanalmente) foi a parte do cronograma mais difícil a ser seguida, pois, o que achava-se à princípio ser tempo suficiente para a pós-produção, acabou mostrando-se insuficiente para a finalização dos vídeos. Mesmo com duas pessoas trabalhando na pós-produção, ainda assim alguns vídeos tiveram seu lançamento atrasado. As datas de *upload* no Youtube foram, por fim: 27 de outubro (Eu não sou meu sexo), 04 de novembro (Preconceito tamanho GG), 12 de novembro (Mundo da Rua), 02 de dezembro (Sexo? Prefiro bolo!) e 17 de dezembro (Tire seu racismo do meu corpo!).

3.1.2 Equipe

O grupo que deu início ao canal Entretantos contava com a participação de Beatriz Canto, Juliana Severino e Lívia Sarno. Juntas, decidimos qual seria o intuito do canal, quais temas seriam abordados e as referências para os vídeos. Com isso em mente, o próximo processo seria a formação da equipe, a começar pela delegação de nossas próprias funções.

Seria muito complexo apenas uma pessoa assumir a direção de todos os vídeos, pois isso implicaria no estudo aprofundado, em um curto período de tempo, de todos as temáticas escolhidas. Por esse motivo, decidimos que as três dirigiriam um ou dois vídeos, pois, assim, o conteúdo a ser estudado não seria tão denso, o que permitiria a cada uma que se aplicasse mais aos temas pelos quais se responsabilizariam. Nesse sentido, a definição de quem ficaria responsável por qual tema foi bastante simples: nós mesmas escolhemos, por questão de maior interesse ou vontade de dirigir um vídeo sobre o assunto que seria abordado. Dessa forma, Beatriz ficou como diretora dos vídeos sobre gordofobia e hiperssexualização da mulher negra, Juliana se responsabilizou por estudar a situação das pessoas em

situação de rua, e Livia Sarno escolheu dirigir os vídeos que tratassem de gênero e sexualidade, ficando com os temas de transgêneros e assexualidade.

Pouco tempo depois, Leticia Borba demonstrou interesse em se juntar à equipe para a realização do projeto. Como as direções já estavam delegadas, Leticia ficou encarregada da arte e da fotografia. Além disso, decidimos que cada uma da equipe ocuparia outras funções de interesse nos vídeos que não estariam dirigindo. Assim, Juliana escolheu captação de som, Beatriz optou pela direção de arte, juntamente com Leticia, e Livia escolheu direção de fotografia, também com Leticia. A pós ficou por conta de Beatriz.

O próximo passo era convidar outras pessoas para nos ajudarem com o projeto. Como há muito trabalho na produção e gravação de cinco minidocumentários, e as pessoas do curso de Radialismo da Unesp então comumente envolvidas em mais de um projeto, tivemos a ideia de formar três equipes diferentes, cada uma responsável por vídeos específicos. Além disso, decidimos que os assistentes de direção seriam fixos para cada diretora já que, assim, o assistente de dois dos vídeos não teria que se preocupar com os três restantes, não ficando sobrecarregado.

Para preencher as funções restantes, convidamos alunos de Radialismo com quem já havíamos trabalhado anteriormente e tido boas experiências. Após o convite, permitimos que cada um dissesse os vídeos nos quais tinham preferência em colaborar e, assim, foram definidas as equipes:

Tabela 2 – Primeira divisão das equipes por vídeo.

Vídeo 01 – “Eu não sou meu sexo” – Direção: Livia Sarno; Assistente de direção: Leandro Freitas; Produção: Ana Beatriz Pístola; Direção de Fotografia: Alexandre Canda e Leticia Borba; Captação de som: Juliana Severino e Thaís Oliveira; Direção de Arte: Beatriz Canto e Leticia Borba. Pós produção: Beatriz Canto.
Vídeo 02 – “Preconceito tamanho GG” – Direção: Beatriz Canto; Assistente de direção: Bruno Kühl; Produção: Ana Beatriz Abbate; Direção de Fotografia: Alexandre Canda, Livia Sarno e Leticia Borba; Captação de som: Juliana Severino e Thaís Oliveira; Direção de Arte: Beatriz Canto e Leticia Borba. Pós produção: Beatriz Canto.
Vídeo 03 – “Mundo da Rua” – Direção: Juliana Severino; Assistente de direção: Beatriz Caetano; Produção: Ana Beatriz Pístola; Direção de Fotografia: Gabriel Corrêa Gomes e Alexandre Canda; Captação de Som: Juliana Severino e Thaís Oliveira; Direção de Arte: Beatriz Canto e Leticia Borba; Apoio: Livia Sarno e Leticia Borba. Pós produção: Beatriz Canto.
Vídeo 04 – “Sexo? Prefiro Bolo!” - Direção: Livia Sarno; Assistente de direção: Leandro Freitas; Produção: Victoria Alves ; Direção de Fotografia: Alexandre Canda e Gabriel Corrêa Gomes; Captação de som: Juliana Severino e Thaís Oliveira; Direção de Arte: Beatriz Canto e Leticia Borba. Pós produção: Beatriz Canto.

Vídeo 05 – “Tire seu racismo do meu corpo” - Direção: Beatriz Canto; Assistente de direção: Bruno Kühli; Produção: Mayara Bailo; Direção de Fotografia: Alexandre Canda, Lívia Sarno e Leticia Borba; Captação de som: Juliana Severino e Thaís Oliveira; Direção de Arte: Beatriz Canto e Leticia Borba.

Infelizmente, devido a problemas relacionados à incompatibilidade de datas disponíveis para a gravação, por parte tanto da equipe quanto dos entrevistados, algumas pessoas que faziam parte da equipe original não puderam participar de um ou mais vídeos que escolheram. Nesses casos, pedimos para outros alunos do curso nos ajudarem, e, portanto, além da equipe oficial, tivemos a contribuição de Bárbara Benevenuto e Thaís Martins, com a captação de som; Wesley Bernardo Corrêa, como operador de câmera; Sillas Carlos, como apoio; Bruno Khül como assistente de direção de “Mundo da Rua”; e Raquel Oyakawa, como *logger*. Raquel, inclusive, se tornou parte oficial da equipe nas gravações que ocorreram na cidade de São Paulo, pois não havíamos previsto o quanto a presença de um *logger* seria importante naquele momento. Além disso, durante o processo de produção, notamos que Beatriz Canto não conseguiria realizar a pós produção de todos os vídeos, sozinha, com o pouco tempo livre que possuía, levando Leticia Borba a trabalhar na área também.

Vale ressaltar, enfim, que a contribuição de toda a equipe foi essencial para o andamento do projeto.

3.1.3 Captação de recursos

Para que pudéssemos bancar os gastos das gravações, realizamos uma reunião no dia 15 de agosto de 2015 com nossa equipe de produção e o colaborador Luiz F. Moraes, que nos deu algumas dicas de abordagem para a captação de recursos financeiros. Nessa reunião, optamos pela criação de um pequeno *teaser* para a divulgação do canal na ferramenta social Facebook, marcado para o dia 27 de agosto. Também colocamos como meta a finalização da identidade visual da página e do canal até o dia 18 de agosto, o que não se concretizou devido a dificuldade em se chegar a um consenso sobre a mesma pelas responsáveis da criação, no caso, Beatriz Canto, Leticia Borba e Lívia Sarno. Após muitas tentativas, enfim, a identidade de Entretantos foi finalizada e publicada no dia 28 de agosto, com 10 dias de atraso.

Na reunião de produção de 15 de agosto também ficou decidido que Ana Beatriz Pístola e Victória Alves ficariam responsáveis pelo contato com lojas e possíveis apoiadores virtuais, enquanto Ana Beatriz Abbate e Mayara Bailo entrariam em contato com lojas e possíveis apoiadores físicos. Além disso, Ana Beatriz Pístola também ficou responsável por nos ajudar com a manutenção da página.

Com a identidade visual do projeto definida, foi criado o plano de patrocínio (anexos 6 e 7). Foi, então, feito um levantamento de potenciais patrocinadores e a equipe de produção entrou em contato com aproximadamente 25 lojas e empresas, porém, nenhuma demonstrou interesse em patrocinar o projeto – patrocínio, inclusive, é uma dificuldade muito grande que alunos de Radialismo encontram ao longo da graduação, pois as empresas dificilmente investem em projetos de faculdade.

Enfim, para possibilitar desde a concepção do cenário principal até o deslocamento da equipe à cidade de São Paulo, optamos por investir nós mesmas no projeto, ou seja, utilizamos nossas finanças pessoais. Assim, juntamos o total de dois mil reais para a realização de Entretantos.

3.1.4 Contato com os entrevistados

A busca por convidados que pudessem ceder entrevistas ao canal Entretantos começou logo após os temas de cada vídeo serem definidos. Para isso, tivemos como estratégia, com exceção das pessoas em situação de rua, a utilização de grupos do Facebook, já que os mesmos atingem uma grande quantidade de pessoas de diversos locais, tornando, com isso, mais fácil a busca por histórias e vivências diferentes umas das outras.

Para o primeiro contato, realizamos um texto padronizado que explicava a nossa proposta e pedia colaboração em relação ao conteúdo: o que aqueles grupos gostariam que fosse abordado; o que é normalmente representado de maneira errônea na grande mídia; quais referências poderiam ser úteis para guiar nosso olhar. Dito isso, perguntamos se alguém possuía interesse em ceder uma entrevista, deixando claro que estávamos dando preferência para moradores do estado de São Paulo, devido ao orçamento.

Assim, quando alguém mostrava interesse, seguíamos para uma conversa privada, na qual explicávamos melhor sobre o funcionamento do projeto. Além disso, perguntávamos qual seria uma boa data para gravarmos com essa pessoa, e isso permitiu a formulação de um cronograma com dias definidos para a realização de todas as entrevistas.

Além do Facebook, entramos em contato com alguns grupos e coletivos específicos sobre as temáticas. Para o vídeo sobre a hiperssexualização da mulher negra, o Coletivo Kimpa, de Bauru, foi um contato que muito nos ajudou, sendo uma das entrevistadas membro dele. No caso das pessoas em situação de rua, a Secretaria do bem-estar social, de Franca, e o grupo do Facebook “São Paulo invisível” foram responsáveis por nos auxiliar com a preparação para a entrevista.

É importante ressaltar que, apesar da intenção do grupo de se ter o maior número de pessoas diferentes por vídeo, em alguns deles isso não se concretizou, já que dependíamos da aceitação e disponibilidade de pessoas diversificadas que concordassem em tecer seus depoimentos para os minidocumentários, o que nem em todo tema ocorreu. O vídeo sobre assexualidade, por exemplo, acabou por ficar restrito a entrevistados brancos, universitários e da mesma faixa etária.

Além disso, vale citar que, apesar de não pretendermos entrevistar pessoas de fora do estado de São Paulo, uma das que se mostrou interessada em ceder entrevista para o tema de transgeneridade, Letícia Lanz, é de Curitiba. Apesar do alto custo que sua locomoção para São Paulo nos acarretaria, consideramos importante seu depoimento devido a grande experiência de Letícia perante o tema.

3.1.5 Locações

Com a maioria dos entrevistados já confirmados, sendo metade de Bauru e metade da cidade de São Paulo, percebemos que ficaria financeiramente mais caro trazer para Bauru todos os que moravam na metrópole do que locomover uma equipe reduzida até a capital, mesmo que fosse durante um final de semana, tempo que precisaríamos para realizar todas as gravações. Decidimos, então, que teríamos locações nas duas cidades.

A locação de Bauru foi facilmente resolvida, pois Beatriz, Juliana e Leticia residem em uma república na cidade, e ofereceram-na como locação. Utilizando a sala como cenário principal, as responsáveis pela arte fizeram a concepção do cenário já baseando-se nesse cômodo, que precisou como única grande mudança a pintura de uma das paredes e a retirada de móveis que não se encaixavam com a proposta dos vídeos. Não foi necessário, porém, construir ou quebrar nada do local.

A locação em São Paulo, porém, foi mais complicada de ser definida. Apenas Beatriz mora na cidade, e não seria possível gravar em sua casa. Pensamos em bares e casas noturnas que ficam na Rua Augusta, um ponto bastante conhecido na cidade pela diversidade de pessoas e por ter vários lugares “alternativos”. Também consideramos os bares localizados na Vila Madalena, bastante populares. Com esses dois lugares em mente, pesquisamos e fizemos uma lista (vide anexo 8) de bares e casas noturnas que tivessem um ambiente interessante e pudessem servir de locação.

Com a lista montada, Beatriz e Lívia foram pra São Paulo, visitando todos os lugares que havíamos pesquisado e verificando quais de fato poderiam servir como locação para os minidocumentários. Alguns, porém, eram pequenos demais e não haveria espaço para recuo de câmera; outros tinham uma iluminação bastante específica que nos atrapalharia; outros ainda eram muito barulhentos, o que interferiria no áudio. Quando um lugar parecia adequado e não oferecia essas interferências, conversavam com o gerente sobre a possibilidade de utilizar o espaço em um fim de semana.

Nesse sentido, visitaram o restaurante PicNic, na Rua Augusta, do qual Beatriz e Lívia gostaram muito. Elas tiveram muita facilidade em combinar as gravações por lá, até porque o tio de Ana Beatriz Pístola, uma das produtoras de Entretantos, é ex-sócio do local, o que ajudou na hora de conversarem com o responsável. Após ouvir atentamente, o gerente permitiu que gravássemos por lá, sem nenhum custo, durante o sábado de 26 de setembro, do meio dia às sete horas da noite. Precisávamos, então, de outro ambiente para a gravação do dia seguinte, já que o PicNic fecha durante os domingos.

Lívia e Beatriz, então, continuaram a busca pela locação na rua Augusta. Um dos locais preferidos da lista que havíamos preparado, o bar/loja de antiguidades Caos, estava fechado quando foram até ele. Por isso, passaram em outros lugares,

embora nenhum se encaixasse no que precisávamos. Porém, ao fazerem o caminho de volta, o Caos estava aberto e, assim, entraram e conversaram com o funcionário que lá estava, que passou o contato do proprietário, Tibira, pedindo que falássemos com ele. Então, através de e-mails, Tibira explicou que para que gravássemos lá teríamos que pagar o valor de quinhentos reais pela diária, pois precisaria que um de seus funcionários nos acompanhasse durante as gravações, tendo que pagar hora extra, além dos gastos com energia elétrica.

Como não havíamos conseguido nenhum lugar que funcionaria no domingo, e o Caos era o lugar preferido da equipe, decidimos por pagar o aluguel da diária, pois, apesar do alto custo, estaríamos dentro do orçamento.

3.1.6 Equipamentos

Para a gravação dos mini documentários, precisamos utilizar alguns equipamentos do estúdio de TV da Universidade, e pegar outros emprestados de outros alunos de Radialismo.

No estúdio, reservamos os kit de luz e alguns microfones. Não conseguimos, porém, reservar os microfones lapela, pois na época a retirada deles estava proibida devido à gravação de trabalhos de alunos do terceiro ano de Radialismo, o que nos levou a emprestar, de um colega de sala, uma lapela de qualidade inferior.

Emprestamos de alunos do curso as luzes frias, gelatinas, filtros para lente, câmeras, cartões de memória, tripés e gravadores de áudio. A colaboração de todos, portanto, foi o que tornou as gravações possíveis.

3.2 Produção

3.2.1 Eu não sou meu sexo

O primeiro vídeo postado no canal Entretantos trata sobre a transgeneridade⁹, levando o título de “Eu não sou meu sexo”. A principal proposta desse vídeo é discutir e desconstruir as noções de gênero, desvinculando gênero, sexo e orientação sexual, visando a quebra de preconceitos e estereótipos e a ampliação da discussão sobre os direitos de pessoas trans.

Entende-se que transgêneros são pessoas “cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento (crossdressers, drag queens, transformistas, entre outros)” (FACCHINI, 2011, p.10), Para entender esse conceito é importante compreender a diferença entre sexo e gênero: enquanto um nos é designado pela biologia, o outro é uma construção social. Butler (2003) afirma que

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado casual do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 2003, p. 24)

Além da distinção entre sexo e gênero, é necessário desvincular gênero de orientação sexual. Como dito anteriormente, o gênero se trata de uma construção social, enquanto a orientação sexual é ligada à sexualidade, às relações afetivas e sexuais. “‘Transgênero’ não quer dizer um gay (ou lésbica ou bi) ‘mais afetado’, nem uma patologia mental do indivíduo.” (LANZ, 2014, p. 24). É importante ressaltar que “Eu não sou meu sexo” reforça a afirmação de Lanz, não tratando a transgeneridade como uma patologia. Tampouco o vídeo parte do pressuposto de que o gênero está preso a binaridade masculino/feminino, mas sim que é algo que pode ser fluído, ou mesmo inexistente.

⁹ Usaremos os termos “transgêneros” e “pessoas trans” para definir todo o grupo de pessoas cuja identidade de gênero está desalinhada com o sexo biológico, por conta do termo servir como um “guarda chuva” para transexuais, travestis, crossdressers e outros.

Se já não é nada fácil afirmar, com o mínimo de segurança e precisão, o que é ser um homem e o que é ser uma mulher neste nosso mundo pós-moderno, é cada vez mais difícil e confuso afirmar o que é não ser nem homem nem mulher, talvez nem outra categoria de gênero qualquer, que é exatamente o caso das chamadas identidades transgêneras. (LANZ, 2014, p. 22)

O primeiro passo para a realização deste minidocumentário abrange o campo da pesquisa. Além do estudo teórico, relativo ao tema abordado, realizou-se uma pesquisa online, através do Facebook, em que pessoas trans falaram sobre o que gostariam de ver no vídeo, deram referências de conteúdos audiovisuais sobre o assunto e citaram erros que costumam ser cometidos quando o tema é tratado em filmes, séries, programas televisivos, entre outros. A partir dessas pesquisas, produzimos um roteiro composto de oito perguntas gerais e uma pergunta específica para cada entrevistado. Vale citar que foi também através do Facebook que encontramos os entrevistados, tendo como principal fonte os grupos “Sou transexual SIM” e “TRANSGENTE”.

Tínhamos como intenção, para o produto final, colher depoimentos de pessoas na faixa dos cinquenta a setenta anos, e intercalar suas respostas com as de adolescentes de quinze a dezoito anos. Dessa forma, seria possível observar as diferentes visões sobre transgeneridade e a diferença em entender-se trans nessas gerações.

A princípio, as três pessoas entrevistadas para o minidocumentário seriam Letícia Lanz (64), Ana Beatriz Santos (59) e Eros Monteiro (17). Letícia é residente de Curitiba (a única entrevistada de todo o projeto que vive fora do estado de São Paulo), trabalha como psicanalista e é autora do livro “O Corpo da Roupa” (2014), sendo uma das grandes estudiosas sobre gênero no país. Ana Beatriz é advogada, trabalha auxiliando empresas e administra a página “Sou transexual SIM”. Ambas têm idade acima dos cinquenta anos e histórias de vida parecidas em diversos pontos: as duas se assumiram como trans na fase adulta, depois de casadas com outras mulheres, já com filhos. Letícia, inclusive, faz questão de dizer que seu papel social dentro de sua casa é de marido, pai e avô. Já Eros é um adolescente ainda concluindo o ensino médio. O garoto, que representaria uma pessoa de uma geração mais nova, não pode ir às gravações, pois seu pai estava preocupado com a exposição do menino, que assumiu sua identidade de gênero há pouco tempo. Eros nos avisou que não poderia participar apenas um dia antes da gravação, enquanto já estávamos em São Paulo, e

ficamos com uma janela nesse dia já que não conseguimos outra pessoa para entrevistar em seu lugar.

Surgiu, então, a preocupação de quem cederia uma entrevista para ocupar o lugar de Eros. Ninguém dos grupos do Facebook mostrava interesse e o prazo para o fim das gravações se aproximava. Então, Mayara Bailo, uma das produtoras do projeto, recordou-se de ter visto uma aluna trans da UNESP de Bauru na página do Facebook “Spotted Unesp Bauru”, e logo entrou em contato com a mesma, Ariel Paiva (22), bacharelada em Ciência da Computação, que concordou em ser uma de nossas entrevistadas, tanto para o vídeo sobre transgeneridade quanto para o de assexualidade.

As entrevistas desse vídeo, enfim, se deram em duas locações: em São Paulo, no restaurante PicNic, no dia 26 de setembro de 2015; e em Bauru, no cenário oficial, no dia 06 de outubro de 2015.

Durante as declarações das entrevistadas, ficou claro que a transfobia afeta suas vidas em diversos aspectos, destacando, principalmente, suas relações familiares e o mercado de trabalho. Todas alegaram saber desde muito pequenas que havia algo “diferente” sobre elas, mas sabiam que se assumir para suas famílias não seria fácil. Nesse aspecto, Ana diz só ter se assumido após o falecimento do pai e depois que seus filhos atingiram a vida adulta; Leticia menciona sua família “católica, mineira e tradicional”; e Ariel fala sobre seus problemas dentro de casa, tendo ficado um tempo sem ter contato com seus familiares, sendo uma relação delicada até hoje. Essas alegações não são surpreendentes, uma vez que o preconceito dentro de casa é bastante comum na vida de pessoas trans. Segundo o secretário de Direitos Humanos da cidade de São Paulo, Rogério Scottilli, em entrevista à Carta Capital publicada em 29 de janeiro de 2015¹⁰, um número grande de pessoas trans “são expulsas com 13, 14 anos e a partir daí tentam a sobrevivência.”

Quando pessoas transgêneras são obrigadas a sair de casa, a grande maioria acaba encontrando a prostituição como único meio de se sustentar. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 90% das pessoas trans se prostituem no Brasil¹¹. Por tal motivo, tanto Ana quanto Letícia desenvolvem muito

¹⁰ Disponível em <www.cartacapital.com.br/sociedade/prefeitura-lanca-programa-de-insercao-social-as-mulheres-transexuais-582.html>. Acesso em 10 jan. 2016

¹¹ Disponível em <<http://super.abril.com.br/comportamento/o-recorde-que-nao-queremos-ter-somos-o-pais-que-mais-mata-transexuais>>. Acesso em 05 fev. 2016.

3.2.2 Preconceito tamanho GG

A principal ferramenta para a realização desse vídeo foi a rede social Facebook. A princípio, os grupos do site relativos a essa temática não costumam aceitar pessoas que não são identificadas como gordas, a fim de evitar que os membros se sintam intimidados por situações de desconforto e humilhação que podem ocorrer a partir da presença de algumas pessoas alheias a esse estigma. Além dessa possibilidade, esses grupos são criados principalmente para a organização de movimentos contra o preconceito que sofrem, além de ser uma forma de fortalecimento através da empatia por situações compartilhadas e semelhantes. Após conversarmos com as moderadoras de dois desses grupos, “Precisamos falar de Gordofobia” e “Gordofobia NÃO”, nossa presença foi permitida e apresentamos nossa proposta.

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos são aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma.” (GOFFMAN, 1988, p. 24)

É importante ressaltar que Goffman (1988) denomina como “normais” aqueles que “não se afastam negativamente das expectativas particulares” (p. 14), estas criadas pela sociedade através de padrões de beleza e de comportamento. Sabe-se que, atualmente, o modelo de beleza ideal é o magro, fazendo com que aparências que não se encaixam nesse modelo sejam colocados como preteridos e indesejados.

Além do retorno com a intenção de participação no vídeo, essa plataforma de interação também foi importante para o acesso ao material de estudo específico sobre a temática e desenvolvimento do roteiro. Por serem grupos criados justamente para discutir essa questão, muitos membros postam textos, vídeos, trabalhos acadêmicos e vivências pessoais para o conhecimento de outros.

As gravações foram realizadas em dois blocos, parte em Bauru, parte em São Paulo. Em Bauru, gravamos com Mariana Dornellas (22) e Marina Moia (22), na locação principal, no dia 19 de setembro de 2015. Em São Paulo, realizamos as gravações na lanchonete PicNic no dia 26 de setembro de 2015 com Patrícia Nechar

(39); e no bar e casa de antiguidades Caos com Vanessa Dal (35) no dia 26 de setembro de 2015.

Ao longo das entrevistas, fomos apresentadas a diversas situações de discriminação que sofrem as pessoas gordas, desde questões relativas à saúde, passando pela questão estética criada pelos padrões de beleza até discriminações dentro da família, ambiente de trabalho e/ou relacionamentos.

O excesso de peso vem acompanhado de discriminação desde a infância. Segundo um estudo feito por Puhl et al. (2015), a obesidade é o principal fator que leva crianças a sofrerem *bullying* nas escolas.

Em todos os países, "ser gordo" foi identificado como a razão mais prevalente de bullying entre jovens, com uma margem substancial em relação a outras formas de bullying (...). Pelo menos 70% dos participantes através dos países perceberam o bullying na adolescência baseado no peso como um problema comum ou muito comum. (PUHL et al., 2015, p. 6. Tradução nossa)

Embora seja um problema recorrente, pouco ou nada é feito em defesa dessas crianças. Além disso, muitos justificam o *bullying* como forma de motivação para a pessoa gorda, com o intuito de incentivá-la a perder peso, o que muito vezes acarreta em um processo inverso em que a pessoa, alvo da discriminação, passa a evitar aulas de ginástica, por exemplo, para não se deparar com comentários feitos pelos colegas de sala. (PUHL et al., 2015)

Outro estudo conduzido pela universidade de *Manchester* e *Monash* e publicado no *International Journal of Obesity* (2013) também apresentou dados semelhantes em relação à obesidade e o mercado trabalho. A pesquisa demonstrou níveis significativos de discriminação contra pessoas gordas no ambiente profissional, como menores salários no início de suas carreiras. Uma das justificativas para essa situação é a crença de que pessoas gordas têm mais risco de desenvolverem doenças como câncer e são mais propensas a ataques cardíacos (O'BRIEN et al., 2013). Esse dado foi apresentado a nós pelas pessoas com as quais conversamos, como o principal tabu a ser quebrado em relação à obesidade e que ainda é muito presente no cotidiano e na sociedade, embora já existam estudos que comprovem que o peso estável é o que evita problemas de saúde, independente de ser magro ou gordo. (FLEGAL et al., 2005)

Por várias vezes durante as gravações, Mariana, Marina e Patrícia falaram abertamente de suas vivências em relação à cobrança para ter um corpo magro, que viria como resultado de dietas e exercícios físicos. Essa cobrança, em geral, vem da família que se sente mais à vontade para tocar no assunto sob o respaldo da preocupação com o bem-estar daquele que se encontra acima do peso. Além disso, também sofrem pressão de alguns médicos, reportagens e artigos que relacionam obesidade e saúde. Essa preocupação muitas vezes camufla outra face desse estigma: a tentativa de justificar o preconceito, descrendo a possibilidade, nesse caso, da pessoa obesa estar em boa condição de saúde.

Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa. (...) Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original (...).” (GOFFMAN, 1988, p. 15)

Nesse ponto, existe um encontro entre beleza e saúde. Os modelos de beleza não só são vistos como aquilo que é belo e objeto de desejo, mas também são promovidos como um modelo saudável a ser seguido. Sabe-se que ser magro, para esses padrões, é sinônimo de cuidado com o próprio corpo que, por sua vez, remete à saúde. Logo, obesidade torna-se sinônimo de descuido e por consequência, doença. Os padrões de beleza estão intimamente ligados aos estigmas que pessoas obesas carregam e por isso que, embora gozando de boa saúde, são perseguidos por comentários que põe em dúvida essa condição.

O corpo magro (...) parece ser o único tipo de corpo valorizado e reconhecido na sociedade atual (...). A supervalorização da magreza transforma a gordura em um símbolo de falência moral e o obeso, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar uma marca moral indesejável (MATTOS, 2007)

Já Vanessa, embora também cercada por esse estigma e suas consequências, demonstrou outra postura em relação ao seu corpo e autoestima, mais segura, não se permitindo afetar muito pelas expectativas exteriores em relação a ela.

As quatro entrevistadas ainda compartilharam experiências na tentativa de encontrar roupas de seu gosto e tamanho, situações de discriminação que sofreram e o processo de libertação dos padrões de beleza, em níveis variados. Também nos

apresentaram a necessidade da discussão sobre o corpo gordo, assim como a desconstrução dessa palavra como adjetivo pejorativo (e não unicamente como característica física), a desmistificação de pré-conceitos, a reflexão sobre as categorias a que somos submetidos dentro da sociedade e, principalmente, a humanização daquele que sofre o estigma.

Enfim, conduzimos as entrevistas a fim de buscar o olhar interno sobre essas questões, não interessando nossas opiniões pessoais (diretoras), mas sim, o que nossas entrevistadas tinham a dizer. (LUCENA, 2012)

3.2.3 Mundo da rua

A população em situação de rua encerra em si o trinômio exprimido pelo termo exclusão: expulsão, desenraizamento e privação. Segundo a definição de cientistas sociais como *Alcock* (1997) e *Castel* (1998), exclusão social relaciona-se com situação extrema de ruptura de relações familiares e afetivas, além de ruptura total ou parcial com o mercado de trabalho e de não participação social efetiva. Assim, pessoas em situação de rua podem se caracterizar como vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes (Martins, 1994) (Disponível no site do GOVERNO FEDERAL, em <www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/2297.pdf>. 2008, p. 03)

Diferentemente das outras temáticas, no caso das pessoas em situação de rua não foi possível ser realizada uma conversa prévia com as mesmas através de redes sociais online. Desse modo, tínhamos a opção de sair por Bauru e conhecer melhor as histórias daqueles que vivem nas ruas, a fim de se produzir um roteiro plausível com essa realidade, tão diferente da nossa. Porém, optamos uma pesquisa, através da literatura e de conversas com ONGs, sites e grupos relacionados ao tema, para que nos fosse proporcionada uma melhor preparação na abordagem e retratação desse grupo que, embora faça parte do cenário cotidiano das cidades, é “invisibilizado” e pejorativamente estigmatizado. Sobre o assunto, Mattos & Ferreira (2004) observam que

Habitados com suas presenças, parece que estamos dessensibilizados em relação à sua condição (sub) humana. Em atitude mais violenta, alguns chegam a xingá-las e até mesmo agredil-as ou queimá-las, como em alguns lamentáveis casos noticiados pela imprensa. Observa-se, assim, a existência de representações sociais

pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais. Vagabundo, preguiçoso, bêbado, sujo, perigoso, coitado, mendigo... São designações comuns dirigidas às pessoas em situação de rua. (MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 47)

Almeida (2011) realizou uma análise sobre matérias do portal Diário Online que possuem como temática principal as pessoas em situação de rua, investigando o modo como “uma pessoa que vive em condições sub-humanas, representada como suja, doente, criminosa, viciada e perigosa pela visão social, seria retratada (...) pelas mídias” (p. 78). Como conclusão, o autor critica os meios de comunicação por sua parcialidade ao oferecer notícias, para seu público, que “estigmatizam, humilham e acusam a pessoa que mora na rua” (p. 99), muitas vezes sem sequer utilizarem fontes oficiais para comporem seus textos. Como o objetivo de Entretantos é o oposto disso, ou seja, o canal tem como principal propósito fornecer espaço e voz aqueles excluídos ou mal representados pela Mídia, foi necessária uma sensibilidade muito grande na elaboração de um produto que mostrasse o contrário do que é oferecido pelos meios de comunicação em geral.

Durante o período de pesquisas, a literatura foi consultada, sobretudo, através do Google Acadêmico. Na tentativa de conseguirmos mais referências e também um acompanhamento durante as gravações, que pudesse nos orientar para uma abordagem sutil que não assustasse nem causasse desconforto aos que vivem nas ruas, a Secretaria Municipal do Bem-Estar Social de Bauru e o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) foram procurados. Foi solicitado, por essas instituições, o envio do projeto por e-mail, porém, não obtivemos mais respostas, nem mesmo em ligações posteriores. Ao mesmo tempo, estava sendo feito o contato com a página do Facebook “São Paulo Invisível” e, embora a mesma tenha demorado para responder, obtivemos dessa organização valiosas dicas sobre abordagem, sempre com a orientação de respeitarmos o espaço dos que vivem nas ruas, já que estaríamos entrando em suas casas. Além disso, conseguimos o contato da Simone Martins Ramos, funcionária da Secretaria do Bem-Estar Social de Franca, que nos ofereceu ricas orientações, entre elas: “não insistir em pessoas não receptivas”; “buscar realizar as gravações durante o período vespertino”; “oferecer alimentos em troca da entrevista”; e “não realizar a abordagem sozinha nem compor a equipe de gravação apenas por mulheres”.

Quatro dias antes da gravação, Juliana, diretora de “Mundo da Rua”, ligou novamente no Centro POP, e conseguiu ao menos o dado de que as pessoas em situação de rua de Bauru se concentram na região central da cidade. Com isso, ela foi até o local e confirmou a informação, porém, seguindo a orientação de Simone sobre “não realizar a abordagem sozinha”, optou por apenas observar e anotar os pontos mais ocupados por esse grupo social, de modo a facilitar a logística no dia da gravação do minidocumentário.

Dia 05 de outubro de 2015, enfim, a equipe se reuniu, preparou lanches e sucos para oferecer aos entrevistados e partiu ao primeiro ponto selecionado. Apesar do pré-planejamento, havia poucas pessoas em situação de rua por lá, e as mesmas não se sentiram confortáveis em oferecer um depoimento diante das câmeras. Com isso, caminhamos para outros pontos, em busca de alguém que se interessasse em falar.

Continuamos nossa busca, até encontrarmos Rosemeire Silva dos Santos (36), deitada no banco de uma praça em frente a uma Igreja. Quando nos aproximamos, ela alegou que já tinha ido à Igreja naquele dia e que não era para “enchermos seu saco”. Quando contamos que não era nossa intenção levá-la a um culto religioso, Rose tornou-se receptiva e, após algumas interrogações, nos contou um pouco da sua história e disse que aceitaria dar um depoimento para o documentário. Em seu relato lúcido, ressaltou a dificuldade de ser mulher e viver nas ruas, destacando, inclusive, que tinha ido para Agudos com um homem que prometeu-lhe casa, mas voltou para as ruas pouco tempo depois porque ele a agrediu. De acordo com Mattos & Ferreira (2004), há um esquema de tipificações que condena aqueles que vivem nas ruas a uma violência simbólica, que pode facilmente transgredir barreiras e alcançar a violência física, e justificam tal atitude pelo fato de a sociedade enxergar os que vivem nas ruas como seres sem humanidade. Ao citar Nascimento (2000), os autores alegam que

subjacente à indiferença, pode estar atuando a desconsideração do outro da rua como igual, como se fosse de outra espécie com poucas similaridades. São pessoas, portanto, negadas em sua humanidade: “homens e mulheres que não são mais vistos como tais por seus semelhantes. E talvez já não se sintam também como tais” (NACIMENTO, 2000, p. 56 *apud* MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 51)

Depois da entrevista de Rose, tivemos dificuldades de conseguir outro depoimento naquele local. Por orientação de um policial, partimos para uma praça

localizada em frente ao Poupatempo, onde havia muitas pessoas que vivem nas ruas, embora alguns estivessem sob efeito de drogas e, portanto, impossibilitados de oferecer entrevista. Foi nesse local, inclusive, que conhecemos o “Coringa” (20), e passamos por uma situação embaraçosa. Apesar de disposto a nos contar sua história, em troca de alguns lanches, esse rapaz destacou, desde o princípio, o fato de ser viciado em roubar, alegando ser essa sua profissão. Por estarmos com equipamentos caros, como o Zoom H1, optamos por utilizar menos equipamentos na captação de seu depoimento. Isso, felizmente, não atrapalhou o resultado final, pois sua declaração foi muito marcante e impactante: esse rapaz afirmou “não ter mais sonhos”. Além disso, reforçou seu orgulho em conseguir se vestir bem e também de “conseguir se virar”, mesmo com todas as dificuldades encontradas.

Sempre que nos referimos a essas pessoas, é comum automaticamente ocorrer a associação com a difundida figura de um indivíduo sujo, maltrapilho e aparência sórdida. Nesse caso, estamos utilizando o “discurso higienista” que rotula e propaga o estigma do morador de rua sempre associado à sujeira que deve ser jogada para “debaixo do tapete”. (MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 50)

Na mesma praça, conseguimos o depoimento do Márcio José da Silva (31). Certo apenas do ódio que sente pelo pai, que tanto violentava sua mãe, Márcio nos ofereceu um relato muito confuso e desconexo. Sobre o assunto, referente à tipificação da “loucura” sobre a qual pessoas em situação comumente estão classificadas, Mattos & Ferreira (2004), ao citarem Ciampa (1990), justificam que “a loucura, neste sentido, é o esforço de criação de um novo universo – louco porque singular, não compartilhado – conseqüentemente fuga de uma realidade: a realidade cotidiana”. (p. 157)

Talvez por isso, vemos algumas pessoas em situação de rua caminhando a esmo, de cabeça baixa e expressão desconsolada. É possível surgir desta condição a loucura como forma de fugir da realidade que nega-as em sua humanidade. (MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 55)

Por fim, ainda no mesmo local, entrevistamos Ana Délia (50). Muito consciente de seu discurso, Ana também relatou os problemas de ser mulher e morar nas ruas. Falou sobre abuso, exclusão, abandono, e fez um relato emocionado ao seu filho, para que a aceite de volta em sua casa. De todos os entrevistados, Ana é a que parece

mais se abalar com a falta de humanidade com a qual pessoas em situação de rua são tratadas, e critica a falta de oportunidade de trabalho para que a situação possa, quem sabe, ascender na vida. Porém, como afirmam Mattos & Ferreira (2004), aqueles que vivem nas ruas estão sujeitos à taxação de “vagabundo” pela sociedade e até mesmo por outras pessoas que estão em situação de rua.

a pessoa sem emprego formal é rotulada como “anormal ou desviante”, ou seja, a culpa da ausência de trabalho recai sobre a própria vítima. Assim, ocorre a “tipificação” do indivíduo em situação de rua como vagabundo, incapaz e “sujeito que não quer trabalhar” (DOMINGUES JR., 1998, p. 14 *apud* MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 49)

Acabadas as entrevistas, fomos embora muito comovidos com o choque de realidade que acabávamos de vivenciar. Vale ressaltar que os quatro entrevistados aceitaram nossos lanches, demonstrando gratidão. Porém, pode-se perceber que ficaram mais gratos ainda pela atenção que oferecemos, despersonalizando toda e qualquer falta de humanidade que lhes é diariamente atribuída.

3.2.4 Sexo? Prefiro bolo!

O quarto e penúltimo vídeo do canal Entretantos aborda o tema da assexualidade. A intenção do vídeo era permitir que pessoas que não se interessam por sexo pudessem falar sobre suas experiências, quebrando a ideia de que a atração sexual e a atração romântica estão unidas. O vídeo parte do pressuposto de que a assexualidade não é um distúrbio.

Uma das grandes dificuldades da produção deste minidocumentário o fato de o conceito de assexualidade ser algo relativamente novo e pouco estudado, além de a própria comunidade ainda estar se formando e se descobrindo. Entretanto, se por um lado não há muita pesquisa científica sobre o assunto, por outro, é fácil encontrar sites, blogs, comunidades e fóruns que servem de espaço de discussão sobre o tema. Nesse sentido, Oliveira (2014) diz que “a assexualidade era um conceito nascido na internet; apesar do vasto campo empírico, os indivíduos autoidentificados como assexuais faziam das comunidades virtuais seu habitat” (p. 28). Levando isso em consideração, para esse trabalho, entende-se como definição sobre a assexualidade

o que diz o site [asexuality.org](http://www.asexuality.org), criado pela *The Asexual Visibility & Education Network*, e uma das maiores redes cibernéticas sobre o tema.

Um assexual é uma pessoa que não experiêcia a atração sexual. Diferente do celibato, que é uma escolha, a assexualidade é uma parte intrínseca de quem somos. A assexualidade não faz de nossas vidas melhores ou piores, nós apenas passamos por diferentes desafios que a maioria das pessoas sexuais. Existe uma diversidade considerável dentro da comunidade Assexual, cada pessoa experiêcia coisas como relacionamentos, atração e excitação de maneira diferente. A assexualidade está só começando a ser estudada cientificamente. (*The Asexual Visibility & Education Network*, 2001. tradução nossa).

Como explicado pela definição do website, pessoas vivenciam a assexualidade de maneiras distintas, o que levou a criação de novos termos e definições dentro do próprio grupo¹². Existem, portanto: assexuais românticos, ou seja, pessoas que não sentem atração sexual, porém podem se envolver romanticamente com outras pessoas; assexuais arromânticos, que são os que não sentem atração sexual e não se envolvem em relacionamentos românticos com outros; existem os *Gray-A*, que se definem como uma área cinza entre os Românticos e Arromânticos, podendo ser Gray Romântico, quem pode sentir atração sexual ou romântica por alguém, mas não concretiza o ato, ou Demirromântico, a pessoa que pode sentir atração sexual quando possui um laço emocional com o outro indivíduo, sendo, porém, um caso raro¹³.

O título do vídeo “Sexo? Prefiro Bolo” vem do fato de o bolo ter se tornando um símbolo para os assexuais por contas de piadas da comunidade, que afirma que até um simples bolo é melhor do que sexo. Utilizamos então, dessa piada para agradar os que se identificam como assexuais, mas também causar um pequeno choque em quem não se identifica e pouco ou nada conhece sobre o assunto.

Assim como quase todos os outros vídeos do canal, utilizamos a Internet para contatar pessoas que poderiam colaborar com depoimentos, além de ajudar com a criação do conteúdo, explicando o que gostariam que fosse abordado no minidocumentário. Para este vídeo, porém, além do Facebook, o site [asexuais.org](http://www.asexuais.org), versão brasileira do [asexuality.org](http://www.asexuality.org), também foi consultado. A comunidade é bastante grande, e o número de respostas nela foi maior que no Facebook.

¹² Disponível online em < <http://www.asexuality.org>>. Acesso em 5 fev. 2016.

¹³ Dados retirados do website <tab.uol.com.br/assexuais>. Acesso em 10 jan. 2016.

Apesar dos grupos virtuais terem sido de extrema ajuda, os entrevistados acabaram por ser todos alunos da UNESP Bauru, o que fez deste vídeo o minidocumentário com menos diversidade dentro do canal, pois todos os depoimentos são de universitários brancos da mesma faixa etária. Os três entrevistados foram: Gabriela Zannata (20), aluna de Comunicação Social – Radialismo, que se identifica como assexual aromântica; Giovani Flores (20), aluno de Design, também assexual aromântico, e Ariel Paiva (22), Bacharelada em Ciência da Computação, assexual romântica. As gravações dos vídeos aconteceram todas em Bauru, entre setembro e outubro de 2015, no cenário principal do canal.

Este foi um dos únicos vídeos do canal, junto com “Mundo da Rua”, em que um dos entrevistados que se identifica como homem foi chamado para falar. No caso de “Sexo? Prefiro Bolo!”, Giovani foi convidado para falar sobre suas experiências como assexual em uma sociedade em que se criam diferentes expectativas para os gêneros.

Os papéis de género são definidos como aquelas expectativas partilhadas acerca das qualidades e comportamentos apropriados dos indivíduos, em função do seu género socialmente definido. Estes papéis de género induzem quer directa quer indirectamente a diferenças sexuais estereotipadas. Na medida em que homens e mulheres não estão proporcionalmente representados em papéis sociais específicos, acabam por adquirir diferentes competências e crenças que, por sua vez, afectam o seu comportamento social. (NOGUEIRA, 2001, p. 15)

Dessa forma, espera-se pessoas de gêneros distintos experienciem a vida sexual de maneira diferente. Enquanto que, para o homem, a vida sexual está diretamente ligada ao conceito de masculinidade, para a mulher a mesma é reprimida. Isto não significa, porém, que a mulher assexual é isenta de condenações, uma vez que, se ela não possui uma vida sexual, não exerce seu papel de género de mãe, reprodutora.

A sexualidade na mulher tem sido relacionada com a reprodução, ou seja, para a mulher o centro da sexualidade é a reprodução e não o prazer. A sexualidade reduzida à genitalidade se apresenta para as mulheres como algo sujo, vergonhoso, proibido. Os homens, ao contrário das mulheres, recebem mensagens e são preparados para viver o prazer da sexualidade através do seu corpo, já que socialmente o exercício da sexualidade no homem é sinal de masculinidade. De um modo geral podemos dizer que as mulheres desde que nascem

são educadas para serem mães, para cuidar dos outros, para “dar prazer ao outro”. A sua sexualidade é negada, reprimida e temida. (CABRAL & DIAZ, 1998, p 2)

Nesse sentido, Gabriela aponta que seu entendimento como assexual foi importante para que ela se sentisse “normal”, acabando com os sentimentos de asco em relação ao próprio corpo toda vez que tentava se relacionar com alguém sexualmente, além de que a partir dessa identificação com o termo ela entendeu que não possuía nenhuma espécie de distúrbio. Segundo a pesquisa de Oliveira (2014), o sentimento da jovem é algo compartilhado por vários que se identificam como assexuais: apesar do desinteresse por sexo ainda ser compreendido como uma patologia, as pessoas que se identificam como assexuais não entendem sua condição dessa forma.

A “descoberta” do conceito de assexualidade pelas pessoas entrevistadas trouxe o alívio de revelar uma “verdade” sobre si, em suas palavras, colocando uma resolução – não necessariamente definitiva – ao processo de construção identitária, afastando a patologia e construindo um senso de normalidade. (OLIVEIRA, 2014, p. 204)

Uma de nossas intenções iniciais era ter, pelo menos, um depoimento de alguém na faixa dos trinta e cinco a cinquenta anos que se identifique como assexual. Isso porque é mais comum se ver jovens falando sobre o assunto, e seria interessante uma outra visão.

Nesse contexto, apesar de ser algo estudado mais recentemente, a assexualidade sempre existiu, não se restringindo apenas a “assexuais jovens.” Desde 1940 existem dados que apontam a existência de pessoas assexuais: a Escala *Kinsey*, criada por Alfred Kinsey, tinha como intuito medir a atividade sexual das pessoas. Nela, 1% dos entrevistados alegaram não possuir desejo sexual. Na época, essas pessoas foram entendidas como portadoras de algum distúrbio, mas hoje em dia a assexualidade já faz parte dessa escala. Outro estudo realizado foi o “*Journal of Sex Research*”, de Anthony Boagaert. O canadense entrevistou cerca de dezoito mil pessoas, e novamente 1% dessas indicaram nunca ter se sentido atraídas sexualmente por ninguém.¹⁴

¹⁴ Fonte: tab.uol.com.br/assexuais/

Para Giovani e Ariel, falar sobre assexualidade parecia mais fácil do que para Gabriela, que relatou ter passado algumas dificuldades até entender o que sentia – ou deixava de sentir – e que aquilo não fazia dela doente. Para ela, também, a relação com a família foi mais complicada do que para os dois outros entrevistados. Ela fala bastante sobre o pai e sua dificuldade de entender que algumas pessoas podem e querem ficar sozinhas, sem desejar um companheiro ou companheira romântico.

Giovani e Ariel, por outro lado, não tiveram nenhum problema com suas orientações sexuais e românticas. Para eles, se entender assexual foi um processo fácil. Giovani, inclusive, repetiu inúmeras vezes durante sua entrevista que pra ele, sua sexualidade “é muito natural”, algo que Gabriela levou certo tempo para compreender. Espera-se que, com o vídeo, mais pessoas sintam-se como Giovani e Ariel em relação ao tema, entendendo a assexualidade com naturalidade.

3.2.5 Tire seu racismo do meu corpo!

Historicamente, temos lidado com um não lugar – muito bem definido – que nos é imposto: sempre entre a exploração, subserviência e animalização de nossos corpos. Nos poucos espaços midiáticos que retratam a mulher negra, seguimos sendo vistas como a mulata do samba, a mulher ferosa e ‘da cor do pecado’ ou a empregada doméstica. (NASCIMENTO, 2015)

Considerando a dificuldade encontrada em ter acesso aos grupos do Facebook sobre a temática, pelas mesmas razões explicitadas em relação aos grupos sobre gordofobia, escolhemos entrar em contato com coletivos negros de diversas instituições, procurando aconselhamento e possíveis entrevistadas. Recebemos retorno do “Coletivo Negro Kimpa”, da própria instituição da Unesp de Bauru, e também fomos aceitas no grupo “Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional”. Júlia Conceição (20), participante do Coletivo, foi a responsável pelo retorno por parte desse e peça importante para o desenvolvimento do vídeo. Através desse contato, pudemos conversar com outras pessoas do Coletivo Kimpa, contar com a indicação de diversos textos que auxiliaram no embasamento teórico e na construção do roteiro para as entrevistas, além de encontrar a primeira entrevistada do nosso vídeo. Através do grupo “Estudos em feminismo negro, pós-colonial e interseccional” e de contato pessoal com Aline Ramos (25), encontramos nossas

outras três entrevistadas: Joice Berth (39), Tamara Correia (23) e a própria Aline Ramos.

As gravações de “Tire seu racismo do meu corpo!” ocorreram em Bauru e São Paulo, com maior concentração de entrevistas na segunda localidade. Em Bauru, no dia 22 de setembro de 2015, gravamos com Júlia na locação principal e, no dia 26 de setembro de 2015, gravamos com Aline, Tamara e Joice, em São Paulo no “Caos”. Contamos com um curto e determinado espaço de tempo no dia 26, já que tínhamos apenas seis horas no local, divididas entre nossa chegada, ajuste de cenário, iluminação e câmeras, alimentação da equipe, recepção das entrevistadas, entrevistas e desmontagem de equipamentos e cenário ao fim do dia.

Durante as entrevistas, Aline, Joice, Júlia e Tamara nos expuseram situações pessoais e muito semelhantes entre si, a cerca dos pré-julgamentos que recebem em relação às suas personalidades, a partir de seus corpos. Através da pesquisa realizada e durante nossas conversas, em frente e fora do alcance das câmeras, nos deparamos com diversas interferências que esse estigma ocasiona diariamente na vida dessas mulheres, sendo muitas vezes desmerecidas como profissionais, como parceiras dentro de relacionamentos ou em relações cotidianas com outros indivíduos.

Nesse sentido, Aline, Júlia e Joice nos apresentaram as raízes desse processo de sexualização exacerbada que sofre o corpo negro feminino. O olhar extremamente sexualizado e objetificador em relação ao corpo dessas mulheres tem suas raízes em um cenário muito anterior à imagem da Globeleza (musa do Carnaval da Rede Globo) que encontramos hoje na televisão próximo à comemoração do feriado carnavalesco. Partindo da exposição e exploração de Sarah Baartman, a Vênus Negra, que viveu entre a África e a Europa durante os séculos XVIII e XIX (SENA, 2015) e caminhando pelo período escravocrata, encontramos o embrião dessa exotificação e posterior hiperssexualização das mulheres negras.

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 469 *apud* PACHECO, 2013, p. 23)

Esse estereótipo criado visava eximir de culpa o homem branco, sob justificativa de que a mulher negra, com seu grande apetite sexual e forte capacidade de sedução, o teria induzido a ter um envolvimento sexual com ela. Esse rótulo reverbera até hoje em muitas produções midiáticas que retratam a negra como a mulher sedutora, insaciável sexualmente e irresistível para um envolvimento extraconjugal ou às escondidas. “Sexo e as Nega” (2014), de Miguel Falabella, é um exemplo recente. Essas retratações reforçam esses julgamentos através da repetição, não só no indivíduo que lida diariamente com esse estigma, como também naqueles que estão favoravelmente longe dele.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.” (SILVA, 2000. p. 17 *apud* CAVALCANTI et al., 2008, p. 02)

Nossas entrevistadas contaram como tais retratações trouxeram diferentes percepções e reações, a cada uma delas, em momentos diferente de suas vidas: a de tentar ao máximo ser o oposto do que o estereótipo diz sobre a mulher negra; e a tentativa de aceitação do mesmo, crendo ser verdade o fato de que precisavam obter um melhor desempenho que mulheres brancas nas relações sexuais e que seu futuro estava pré-determinado pela cor de suas peles.

Porém, não apenas suas próprias percepções sobre seus corpos influenciam seus cotidianos, como também o faz o julgamento estigmatizado das pessoas com as quais elas se relacionam. Ao existirem sob a marca de sexualização, objetificação e exotificação, as negras são reconhecidas dessa maneira por grande parte da sociedade. Como consequência, seus relacionamentos muitas vezes são criados com base nessas marcas, o que as diminui como seres humanos dotados de diversas características que não envolvem o campo sexual, ocasionando um relacionamento raso, desinteressado de outros aspectos da vida dessas mulheres. A mulher negra passa a não fazer parte de um “mercado afetivo” para ser naturalizada apenas no “mercado do sexo”. (PACHECO, 2013)

Como consequência dessa situação, surge, tão perverso quanto o próprio estigma, um processo de solidão embutido ao de hiperssexualização e de outras

questões ligadas ao racismo, recorrente no dia-a-dia das mulheres negras dado o momento em que não aceitam relacionamentos que as consideram principalmente para o sexo e não para o afeto. Como Aline pontuou em uma de suas falas, esses afetos e relacionamentos também passam a serem políticos, problematizados e repensados, assim como afastados aqueles que existem a partir da objetificação de seus corpos.

Todas essas discussões conduziram o andamento do vídeo (muitas vezes ultrapassando as perguntas previstas no roteiro) e, novamente, trouxeram a reflexão dos efeitos que causam os estigmas que criamos ao longo da história, no desenvolvimento e cotidiano dos que lidam com essas marcas.

CAPÍTULO 4
RELATÓRIO DAS ÁREAS

Capítulo 4 – Relatório das áreas

4.1 Direção e roteiro

Considerando que o projeto contava com a produção de cinco vídeos sobre grupos estigmatizados, cada um com particularidades de assunto e abordagem, o grupo optou por dividir as tarefas de direção e roteiro a fim de otimizar as pesquisas e aprofundar o estudo sobre cada tema. Conforme citado no item 5.1.2 desse relatório, Lívia Sarno ficou responsável pelos vídeos “Eu não sou meu sexo” e “Bolo é melhor que sexo”, enquanto Juliana Severino se encarregou de “Mundo da Rua” e Beatriz Canto dos vídeos “Preconceito tamanho GG” e “Tire o seu racismo do meu corpo”. Dessa maneira, cada diretora pode focar em leituras específicas sobre o tema que dirigiria, além de ficarem encarregadas do contato com possíveis entrevistados.

Definimos que cada vídeo teria uma equipe própria, alinhada com o tema abordado. Sendo assim, por razão de afinidade e experiências positivas em atividades realizadas anteriormente, Leandro Freitas foi convidado para ser assistente de direção de Lívia, bem como Beatriz Caetano e Bruno Kühn para assistentes de Juliana e por fim, esse último também para assistente de Beatriz Canto. Cada assistente de direção colaborou em atividades como elaboração de roteiro, recepção de entrevistados, logística e organização de cada dia de entrevistas e checagem de equipamentos para os dias de gravação.

Cada diretora, através de pesquisas, grupos específicos do Facebook e conversas com organizações, como o Centro POP de Franca, estruturou seu(s) roteiro(s) sobre questões que considerou pertinentes diante de assuntos abordados recorrentemente por essas pessoas, buscando provocar a discussão e reflexão, com a intenção de desmistificar determinados preconceitos sofridos por cada estigma em específico.

Após apresentarmos o projeto para grupos de interesse, foi possível encontrar pessoas dispostas a falarem nos vídeos, principalmente através de redes sociais. A partir desse momento, que definimos o cronograma de produção, verificamos com cada pessoa possíveis dias e horários disponíveis, tendo mais flexibilidade para entrevistados realizadas em Bauru e a possibilidade de um único fim de semana (26 e 27 de setembro de 2015) para gravações em São em Paulo. Montamos, juntamente

com os assistentes de direção, a ordem de gravação para cada dia, tanto em Bauru, como em São Paulo, bem como a logística de transporte, alimentação e estadia da equipe, que se dividiu em dois grupos alocados nas casas de amigos na capital para as gravações dos dias 26 e 27 de setembro. Confirmada a presença da equipe e dos entrevistados, seguimos para os dias de gravação estipulados, onde cada diretoria assumiu a responsabilidade de acordo com a entrevista que seria feita.

4.2 Fotografia

Como já citado no item 3 desse relatório, para a direção de fotografia dos minidocumentários do canal Entretantos tivemos como principal referência os videologs, que são iluminados de maneira simples, sem intenção dramática.

As gravações dos produtos ocorreram em quatro ambientes distintos, sendo três deles internos e um externo. A equipe utilizou, portanto, um cenário principal; o restaurante PicNic; o bar/loja Caos; e ruas de Bauru para as gravações, cada local tendo suas peculiaridades para a iluminação.

No cenário principal, a sala da casa de três das autoras, nossa liberdade foi maior tanto para a arte quanto para a fotografia. Para iluminar os entrevistados, utilizamos uma luz fluorescente de 6400K como luz chave, e a própria lâmpada da sala, também fria, como luz de preenchimento. Para iluminar a parede, usamos duas luzes de 3200K, evitando que a imagem ficasse chapada.

Para o restaurante PicNic e o bar/loja Caos, por conta do espaço limitado, não foi possível usufruir do mesmo esquema do cenário principal para a iluminação. Optamos, portanto, por utilizar dois pontos de luz quente (3200K), um como luz chave e outro como preenchimento. No caso do PicNic, como as luzes estavam muito próximas dos entrevistados, para ambos os pontos foi preciso usar papel manteiga para a difusão da luz, além de um segundo difusor na luz chave. A luz de preenchimento foi rebatida no teto do restaurante com o intuito de diminuir sua intensidade no rosto dos entrevistados. Já no bar/loja Caos, como o recuo de câmera era maior, apenas um difusor na luz chave foi o suficiente. A luz de preenchimento também precisou ser rebatida no teto, assim como no caso anterior.

As gravações nas ruas de Bauru para o vídeo “Mundo da Rua” foram as que exigiram menos equipamentos. Levamos apenas um rebatedor, que foi amplamente utilizado para que a fotografia ficasse como o desejado.

Em relação a lentes, para os ângulos abertos, na câmera principal, utilizamos uma CANON 17-50mm, f/2.8. Os planos próximos e detalhes foram feitos com uma lente fixa, CANON 50mm, f/1.4.

Todos os vídeos foram produzidos com câmeras DSLR. Como as mesmas eram emprestadas, tivemos que usar modelos diferentes de câmera. Alguns minidocumentários, portanto, foram gravados com uma CANON 60D, enquanto outros foram feitos com uma T5i.

4.2.1 Mapas de luz

Seguem abaixo os mapas de luz referentes à locação principal, ao PicNic e ao Caos.

Imagem 8 – Mapa de luz do cenário principal

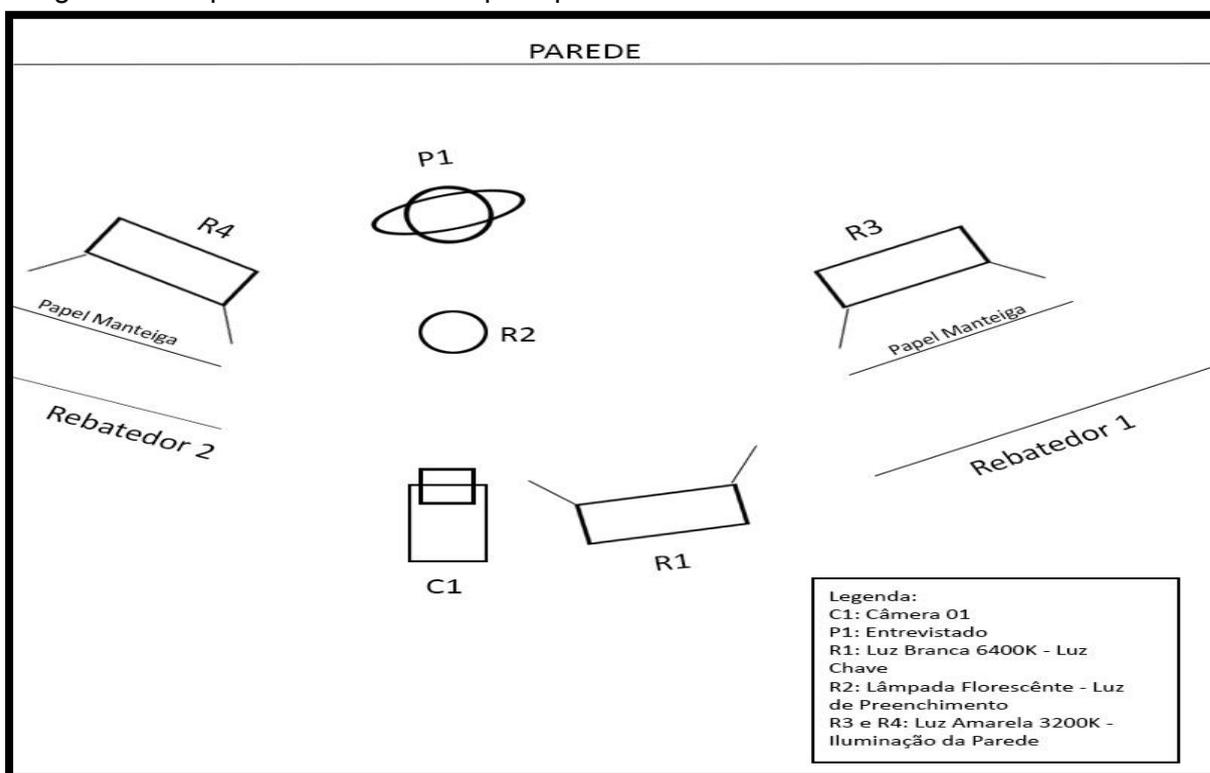


Imagem 9 – Mapa de luz do Restaurante PicNic

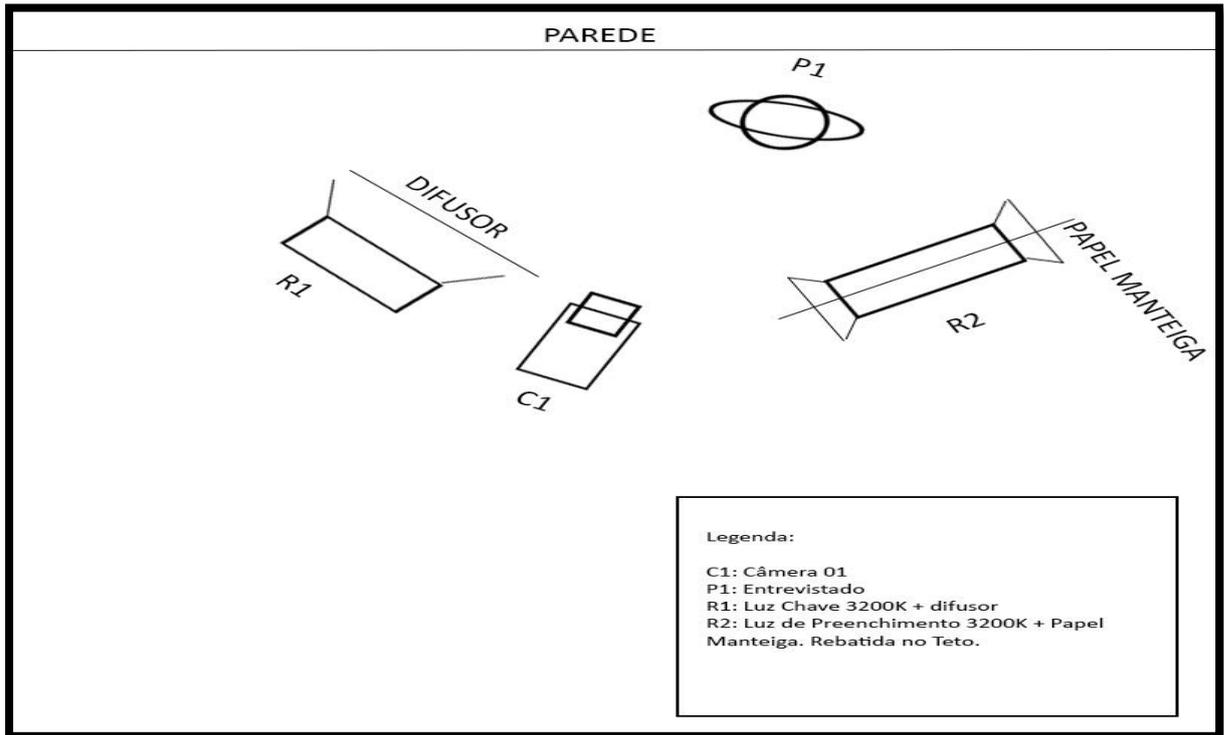
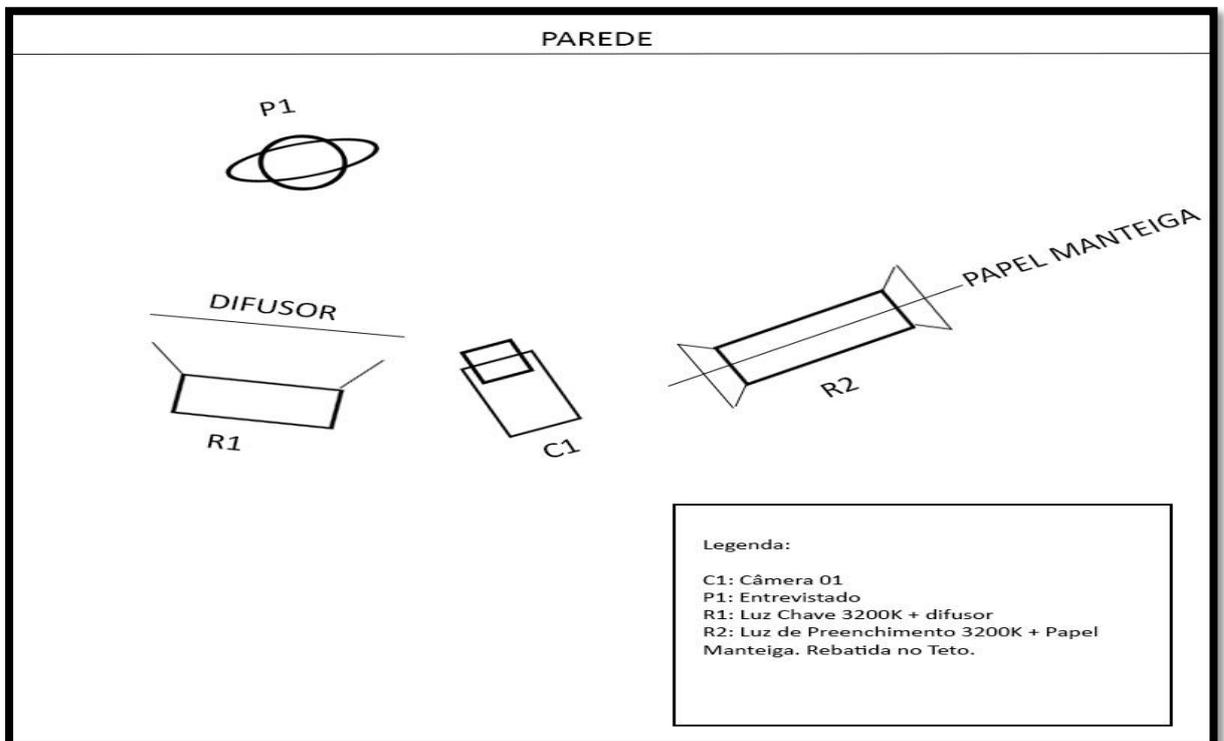


Imagem 10 – Mapa de luz do Bar/loja Caos



4.3 Áudio

A parte técnica referente ao áudio foi um dos maiores desafios encontrados durante as gravações de Entretantos. Apesar de termos uma pessoa, Thaís Oliveira, como responsável pela captação, a mesma não pode estar presente nas gravações que ocorreram fora do cenário principal, devido à incompatibilidade das datas disponíveis. Desse modo, essas captações específicas precisaram ser feitas por membros da equipe, Lívia e a Juliana, que não dominavam plenamente a técnica, o que acabou interferindo e prejudicando a qualidade do áudio nos produtos finais.

Os equipamentos utilizados para a captação de áudio dos minidocumentários incluem 01 Zoom H1 Gravador Portátil SD *card Handy*, 01 Zoom H4N Gravador Portátil *Digital Handy*, 01 *Microphone* DAGEE DG-001 (lapela), 01 *Directional On-camera Microphone (condenser)* Rode VídeoMic e 01 *Microfone Unidirecional* Yoga HT-81 (boom). Cada cenário, por conta de sua especificidade, exigiu o uso diferenciado dos equipamentos.

O cenário principal, por se tratar da sala de uma residência localizada em uma rua pouquíssimo movimentada, foi o que menos sofreu interferência de ruídos externos, o que favoreceu a qualidade do áudio captado. Para a captação nesse cenário, foram utilizados a lapela conectada no H1, o HT-81 conectado no H4N, e o VídeoMic plugado na câmera principal. A qualidade do áudio captado através da lapela foi superior a dos outros microfones e, desse modo, utilizou-se do mesmo na montagem dos vídeos. A exceção se deu em uma das últimas entrevistas gravadas, a da Ariel, que participa de "Eu não sou meu sexo" e "Sexo? Prefiro Bolo". Ainda não se sabe o motivo, mas o H1 parou de gravar o som da lapela logo no começo da entrevista, o que não foi percebido por ninguém da equipe pelo fato de esse Zoom ter apenas uma entrada P2, que estava ocupada pela lapela, impossibilitando o uso de um fone de ouvido para controlar o que estava sendo captado. Também nesse dia, infelizmente, não tínhamos mais o VídeoMic, pois precisamos devolvê-lo ao estúdio que nos emprestou. Desse modo, utilizou-se na montagem o áudio do HT-81, que foi captado por uma amiga em comum da equipe, a Bárbara Benevenuto, que se dispôs a ajudar mesmo sem ter experiência na área, por conta da ausência da Thaís. Isso, somado à baixa qualidade do HT-81 e também ao jeito introspectivo de Ariel falar, pode dificultar a compreensão do espectador sobre as falas da mesma.

O PicNic foi desafiador, pois se tratava de um estabelecimento comercial movimentado da Rua Augusta, que se manteve em funcionamento enquanto gravávamos. Desse modo, não tivemos controle algum sobre ruídos e interferências externas. Para dificultar ainda mais, a Thaís não estava junto e não pudemos levar para São Paulo o H1 - que funcionava normalmente até então -, e não nos atentamos ao fato de que a lapela que usávamos precisava de um adaptador P2/P10 para se conectar ao H4N. Além disso, o HT-81 não ligou. A solução para as gravações, então, foi direcionar o H4N às entrevistadas, plugar a lapela na câmera principal, a 60D, e o VídeoMic na T5i, e, enquanto gravávamos, Leandro Freitas, membro da equipe, foi em busca de adaptadores, embora nenhum comprado tenha funcionado. Por fim, o áudio da lapela na câmera ficou com uma boa qualidade e as interferências externas não atrapalham sua compreensão, e por isso ele foi o escolhido para ser utilizado na montagem final de todas as gravações desse cenário.

O Caos foi um ambiente um pouco mais tranquilo, pois o estabelecimento permaneceu fechado enquanto estávamos gravando. Apesar disso, ele também se encontra na Augusta, rua muito movimentada de São Paulo, o que proporcionou alguns ruídos de pessoas e automóveis. Também sem o H1, o HT-81 e o adaptador P2/P10, mantivemos o H4N direcionado às entrevistadas, a lapela na câmera 60D e o VídeoMic na T5i. Assim como no PicNic, utilizamos o som da lapela na montagem final, mantendo a qualidade da captação das gravações anteriores.

O "cenário" mais conturbado para a captação de áudio foi, sem dúvida alguma, a rua, local de grande interferência sonora. As gravações nesse ambiente foram as últimas e ocorreram logo após a gravação da Ariel, que não teve a captação conferida por ninguém da equipe, o que foi um grande erro. Desse modo, fomos à gravação das pessoas em situação de rua sem ter ideia de que o H1 estava quebrado, o que prejudicou - e muito - a qualidade do áudio no vídeo final. Estávamos contando com a lapela para obter um som direcionado, com o mínimo de interferência possível e, por isso, utilizamos esse microfone, plugado no H1, em três de quatro entrevistados, sendo que optamos por não utilizar apenas em apenas um dos entrevistados, que nos confessou ser viciado em roubar. Além da lapela, utilizamos o VídeoMic plugado na 60D, que foi o que salvou o vídeo, apesar das inúmeras interferências de ruídos próprios da rua. A fim de não perder espectadores por conta da dificuldade de se entender o que é dito, optamos por legendar o "Mundo da rua".

4.4 Arte

Em todos os vídeos de Entretantos, buscamos escapar da imagem vazia provocada apenas por uma parede branca e o entrevistado. Em todos os nossos cenários, buscamos referências que simbolizassem cada temática, com pôsteres adquiridos na internet e utilizados tanto no cenário principal quanto no restaurante PicNic e bar/loja Caos, como uma forma de ligação entre os diversos lugares. Outro ponto de ligação entre as locações foi a conhecida Cadeira de Diretor, que representa o controle do assunto tratado em cada uma das obras audiovisuais, controle este que esteve na mão de nossos entrevistados.

Um detalhe próprio do cenário principal foi o da luminária. Inspirada no projeto "Nuvem", de Richard Clarkson, a mesma representando o tumulto, ou a "tempestade" vivida por cada um de nossos colaboradores. Pela nossa logística, percebemos que não seria possível o transporte da mesma para São Paulo, limitando seu uso apenas à locação principal. A parede laranja do mesmo também carrega um significado, ainda que com certa quebra causada pelos pôsteres utilizados: a cor alegre traz um calor que se contrapõe às vivências trazidas por nossos entrevistados, algumas até traumáticas, e à luz fria emitida pela iluminação proporcionada pela nuvem.

No entanto, para não gerar desconforto e também não descaracterizar a realidade de nossos entrevistados de "O Mundo da Rua", as peças do cenário principal não puderam ser utilizadas na produção deste episódio. Para a estética do mesmo, então, filmamos as pessoas em situação de rua em seus ambientes costumeiros, sem nenhum tipo de "maquiagem" em suas realidades.

Na prática, o cenário principal começou a ser estruturado no início da terceira semana de setembro, na casa onde moram Beatriz, Juliana e Letícia, com a pintura de uma das paredes da sala e o recebimento da cadeira, feita sob medida por Luiz Constantino, pai de Raissa Constantino, também aluna de Rádio e TV e colaboradora do projeto, por um valor simbólico. Neste período, foi também produzida a luminária, por Letícia e Wesley Bernardo, e a mesinha de apoio, por Beatriz e Letícia.

As figuras colocadas na parede foram todas encontradas após pesquisas de cada diretora junto com a equipe de direção de arte, e impressas em gráfica. Buscamos, através delas, ilustrar nossos temas de forma artística e delicada, além

utilizá-las como possíveis ligações às falas de nossos entrevistados, reforçando ou ampliando o conteúdo dos depoimentos no processo de montagem.

4.5 Pós-produção

4.5.1 Montagem

Para a montagem dos minidocumentários, nossa principal preocupação foi não tornar cansativa e muita extensa as falas de cada entrevista. Por se tratar de um vídeo para internet, optamos por uma edição mais rápida, com maioria de transições de cena por “cortes seco”, ou seja, mais dinâmico.

Definimos como começo para todos os vídeos, a apresentação dos entrevistados, partindo para um primeiro assunto introduzido por um deles, a ser complementado pelos seguintes. Também buscamos evitar cortes sem troca de plano, a fim de impedir “pulos” da imagem, ocasionada por eventual troca de posição do entrevistado.

Foram utilizados os softwares “*Adobe Premiere Pro CS6*” para a edição de vídeo, “*Adobe Audition CS6*” para edição de áudio e “*Adobe Photoshop CS6*” para efeitos de borda.

4.5.2 Detalhes do cenário

Incluímos planos detalhe das figuras coladas no cenário, buscando reforçar ou ilustrar o que é falado. Para essa transição, utilizamos a ferramenta do *Adobe Premiere Pro CS6*, “*Dip to Black*” (em tradução livre, “imersão para preto”) que ocasiona uma breve passagem para a tela preta, seguida da próxima imagem. Também utilizamos uma borda mais escura, feita no “*Adobe Photoshop CS6*”, para diferenciar esse trecho do restante da entrevista, semelhante a um dos efeitos por vezes realizado para caracterizar “*flashback*” de personagens (cenas em que personagens relembram momentos passados).

Imagem 11 – *The OC* e exemplo de borda escura



Fonte: *The Journey – The OC*, 3ª temporada, ep. 17. Direção de Roxann Dawson. 2005.

4.5.3 Correção de Cor

Usamos o recurso de correção de cor apenas para corrigir pequenas diferenças de tonalidade entre as imagens das câmeras de plano geral e plano próximo, através da ferramenta “*Three Way Color Correction*” (em tradução livre, “correção de cor em três etapas”) do software “*Adobe Premiere Pro CS6*”.

4.5.4 Edição

Finalizadas as gravações, juntamos todo o material gravado em um HD externo e fizemos backup em um dos nossos computadores pessoais. Cada entrevista teve entre 30 a 40 minutos de vídeos brutos, sendo de três a quatro entrevistados por temática. Esses materiais seriam condensados em produtos finais de 15 e 20 minutos, sob a responsabilidade de Beatriz Canto e Leticia Borba.

Em um primeiro momento, organizamos cada pasta com o nome das entrevistadas e seus áudios correspondentes, por dia de gravação e, posteriormente, em planos abertos e fechados. A edição foi realizada nos programas “*Adobe Premiere Pro CS6*” e “*Adobe Audition CS6*”, em computadores do laboratório da Unesp Bauru

e da produtora Canal da Ilha, onde Beatriz Canto trabalha e, portanto, pode editar gratuitamente em seu tempo livre.

O primeiro vídeo que seria lançado e, portanto, o primeiro que precisaria ser editado, era o “Eu não sou meu sexo”, sobre transsexualidade. Livia Sarno fez a decupagem das entrevistas, repassando o material para Beatriz Canto. Esse processo teve início no dia 6 de outubro de 2015.

A princípio algumas dificuldades foram encontradas, tanto em questão da qualidade do áudio, quanto em relação ao processo de montagem, já que ainda não possuíamos experiência em trabalhos no formato de documentário. Além disso, os horários disponíveis para edição foram um pouco limitados, já que só pudemos utilizar os computadores da produtora e da universidade fora de nossos horários ocupados por aulas e estágio, e, no caso do Canal da Ilha, somente meio período que ainda abrangesse horário comercial.

A edição de “Eu não sou meu sexo” foi simples no âmbito técnico, sem uso de efeitos especiais e sem a necessidade de inúmeras correções. A montagem foi feita e passada para o restante do grupo que apontou algumas alterações. Com as mesmas realizadas, pudemos iniciar o processo de ajuste de cor.

Para tentar igualar as imagens da câmera detalhe e da câmera geral, utilizamos alguns ajustes em brilho, contraste, intensidade de sombras, intensidade de luz e temperatura de cor. Após esse processo, iniciamos a criação de créditos, em que optamos por colocar todos os nomes envolvidos no projeto como um todo, e não apenas no vídeo em questão, pelo fato de muitas vezes a produção de um vídeo envolver pontos em comum com todos os outros. Apenas as áreas de direção e montagem foram colocadas conforme atuação no vídeo.

O projeto foi então exportado e, a seguir, carregado em nosso canal no Youtube de forma privada, para revisão final e posterior publicação para o público na página do Facebook, “Canal Entretantos”.

Terminado o primeiro vídeo, o segundo produto programado foi “Preconceito tamanho GG”, abordando o tema “gordofobia”. Esse processo foi mais introspectivo, pois Beatriz Canto ficou responsável pela montagem e também havia dirigido as entrevistas, o que trouxe maior proximidade com o tema. Em um primeiro momento, a decupagem dos vídeos foi mais demorada, por existir um extenso material bruto e relatos bastante semelhantes entre si, mas que nem sempre se encaixavam na linha

de montagem, dada a diversidade de relações com o próprio corpo entre as entrevistadas.

Após reassistir todo material e encontrar um eixo entre as falas, a primeira montagem foi feita e apresentada para a equipe. Mais uma vez, o grupo colaborou com observações e críticas que foram absorvidas e aplicadas à edição. O vídeo acabou tornando-se mais extenso que o primeiro, porém julgamos que todo o conteúdo apresentado era necessário. Realizamos processo semelhante ao primeiro vídeo em relação à correção de cor, guardadas as particularidades necessárias a esse vídeo que, por contar com entrevistas em três ambientes diferentes, foi necessário adaptar a iluminação em algumas cenas, com a ferramenta “*Lighting Effects*” (em tradução livre, “efeitos de luz”) do *Adobe Premiere Pro CS6*.

Dado alguns contratempos com aulas e estágio, Lívia ficou responsável por exportar o material. Porém, encontrou alguns problemas ao tentar realizar esse processo em seu computador pessoal, no qual o programa não conseguia ler o arquivo. O problema foi solucionado criando um novo projeto e importando o anterior para este novo. O vídeo sofreu algumas variações inesperadas durante as tentativas de exportação, o que ocasionou em pequenos erros durante o produto final, como uma cena acidentalmente em preto e branco. Infelizmente, só percebemos o erro após reassistir o vídeo já publicado, e optamos por não recarregá-lo, para não perdermos as visualizações que já havíamos obtido.

Foram necessárias cerca de duas semanas de edição, em que, simultaneamente, Letícia Borba editava o terceiro vídeo, “Mundo da Rua” que, inclusive, foi considerado um grande desafio por conta dos discursos dos entrevistados não terem se dado de forma tão fluida quanto dos outros vídeos. Questões técnicas também tiveram um grande impacto, como o fato de ter sido gravado externamente no centro da cidade de Bauru, complicando principalmente a questão do áudio.

Após um período de dificuldade na fluidez da montagem e dois encontros com a diretora Juliana Severino, o vídeo começou aos poucos a tomar forma. Ainda assim, o áudio continuava ininteligível, mesmo com os esforços da editora de som, Thais Oliveira, o que fez com que optássemos por legendar o produto, sendo o único da leva a utilizar tal ferramenta. O texto foi transcrito por Juliana e Letícia, tomando o cuidado de não formalizar ou tentar “corrigir” a fala do entrevistado, e foi sincronizado por

Letícia através do próprio *Premiere*, linha por linha, para embutir a legenda sem a necessidade de um maior número de *renders*.

O ajuste de cor referente a esse vídeo foi bem simples, não necessitando de tantas modificações como nos outros vídeos.

Também montado por Letícia, o vídeo “Sexo? Prefiro Bolo!” teve seus contratempos, mas de forma mais moderada que “Mundo da Rua”. Primeiramente o conteúdo foi decupado pela diretora Lívia e então passado para a editora, o que facilitou o processo de edição.

Por todas as suas entrevistas terem sido gravadas na mesma locação, porém em dias diferentes, cores e iluminação precisaram ser corrigidos, de forma a minimizar o estranhamento do espectador diante da troca de cenas. Foi tomado, também, o cuidado de se destacar qual seria a pergunta feita, evitando respostas muito amplas como apenas “sim e não”.

Finalizada a montagem, a versão foi mostrada a outra editora, Beatriz. Com poucas correções a serem feitas, o vídeo logo foi finalizado. Nesse momento, simultaneamente o último vídeo do canal estava sendo decupado por Beatriz.

O vídeo que finalizou as publicações da página foi “Tire seu racismo do meu corpo!”, abordando a hiperssexualização do corpo das mulheres negras. Novamente, as funções de direção e montagem carregam o mesmo nome o que, por conta das pesquisas feitas no processo de pré-produção, trazem mais intimidade com o tema, beneficiando o processo de edição.

No aspecto de entrosamento entre as falas das entrevistadas, esse vídeo foi, talvez, o mais alinhado. Em muitos momentos, Aline, Joice, Júlia e Tamara apontam discussões comuns entre si, ainda que, por vezes, com opiniões diversas em algumas especificidades. Essa característica tornou mais fluido e rápido o processo de montagem. Alguns ajustes maiores foram necessários no áudio, pois muito ruído, principalmente de automóveis, foram captados pelos microfones. Para a melhoria dos arquivos, usamos o processo de “*Noise Reduction*” (em tradução livre, “redução de ruído”), do *Adobe Audition CS6* e substituímos os áudios originais.

Após esse processo e já com todos os cortes, algumas adaptações já previstas de temperatura de cor, sombras e luzes foram necessários, considerando que a maioria das gravações foram realizadas no mesmo ambiente sob influência de luz externa, o que ocasionou pequenas divergências nas imagens durante as entrevistas.

A primeira tentativa de exportar foi iniciada, mas ao assistir o vídeo já no formato mp4, notamos um leve dessincronismo entre imagem e som. Ajustamos novamente cada faixa de áudio com o vídeo correspondente e realizamos a etapa novamente, com êxito. Publicamos o vídeo nas páginas do canal Entretanto, informando que este seria o último vídeo que programamos para a conclusão do nosso trabalho final e recebemos algumas sugestões de temas para possível continuidade do canal. Essas temáticas não fariam parte da ideia inicial do projeto, que está concluída, mas ainda serão avaliadas pelo grupo sobre a possibilidade de realização, devido a questões orçamentárias.

Considerações Finais

Ao fim de toda a etapa de produção, e ao longo da postagem dos vídeos, observamos que os grupos aos quais nos referimos receberam de maneira positiva o projeto, muitas vezes compartilhando nosso material em suas redes sociais ou páginas que gerenciam, como foi o caso da Imprensa Feminista, página com mais de vinte e quatro mil curtidas que compartilhou o vídeo “Preconceito Tamanho GG”.

Também houve boa repercussão a partir de compartilhamentos pessoais da equipe a fim de promover cada vídeo, atingindo diversos públicos que comentaram e/ou compartilharam o projeto em suas páginas do Facebook. Obtivemos, em média, cerca de mil visualizações por vídeo em nosso canal no Youtube e alcançamos aproximadamente quatro mil pessoas por publicação do material audiovisual em nossa página no Facebook, dados obtidos pelo cálculo de média simples, realizado através de informação cedida pelas redes Youtube e Facebook em nossas páginas administrativas.

Além disso, procuramos apoio de outros Canais como “Jout Jout Prazer” e “Canal das Bee” na tentativa de promover e dar visibilidade ao nosso material. Essas tentativas não obtiveram retorno, porém, a equipe acredita que atingiu seus objetivos com a visibilidade alcançada pelos vídeos, bem como pelas boas críticas recebidas através de comentários tanto no Youtube quanto nos compartilhamentos do Facebook.

Apesar de bastante feliz com o resultado final, a equipe entende que ainda tem muito a aprender sobre os diversos grupos que compõem a sociedade, a fim de utilizar o poder da comunicação como forma de conscientização social, e também sobre a arte documental, para aprimorar o processo de captação e filmagem e poder seguir produzindo conteúdos capazes de gerar, de modo cada vez mais efetivo, reflexões responsáveis e consequente quebra de estigmas, paradigmas, tabus e, principalmente, preconceitos.

Links para acesso aos vídeos

Endereço da canal Entretantos na plataforma online Youtube:

www.youtube.com/channel/UCCZTZy0UZbjexT-6R-xwpZA

Vídeo “Eu não sou meu sexo”:

www.youtube.com/watch?v=Mypfvd8P9il

Vídeo “Preconceito tamanho GG”:

www.youtube.com/watch?v=MEQ_Nbv5x3Y

Vídeo “Mundo da Rua”:

www.youtube.com/watch?v=h8iS2fvraLQ

Vídeo “Sexo? Prefiro bolo!”:

www.youtube.com/watch?v=-_pi7fz8aCw

Vídeo “Tire seu racismo do meu corpo”:

www.youtube.com/watch?v=IperioRnhQ0

Endereço da página “Canal Entretantos” no Facebook:

www.facebook.com/canalentretantos

Referências bibliográficas

A Saída dos operários da fábrica. Direção de Irmãos Lumière. 1895. P&B.

A chegada do trêm à estação Ciotat. Direção de Irmãos Lumière. 1895. P&B.

ALMEIDA, D. A. C. **MORADOR DE RUA: Da questão social para a questão midiática.** In: Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia. Belém, v. 1, n1. p. 77- 102, jan./jun. 2011.

ALMEIDA, Lélia. **Mulheres famintas: Fome, beleza e obediência feminina.** 2014. Disponível em: <<http://wsimag.com/pt/bem-estar/9665-mulheres-famintas>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

BELLINI, Priscila. **O recorde que não queremos ter: somos o país que mais mata transexuais.** Super interessante, 2015. Disponível online em <<http://super.abril.com.br/comportamento/o-recorde-que-nao-queremos-ter-somos-o-pais-que-mais-mata-transexuais>>. Acesso em 05 fev. 2016.

BONDEBJERG, Ib. **Narratives of Reality: Documentary Film and Television in a Cognitive and Pragmatic Perspective.** Nordicom Review. Disponível em <www.academia.edu/1980789/Narratives_of_Reality._Documentary_Film_and_Television_in_a_Cognitive_and_Pragmatic_Perspective>. Acesso em 05 fev. 2016.

BRASÍLIA DF. GOVERNO FEDERAL. . **POLÍTICA NACIONAL PARA INCLUSÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.** 2008. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/2297.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. **Relações de gênero.** In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.

CARRADORE, Vânia Maria; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E AIDS: APONTAMENTOS PARA REFLEXÃO.** 2014. 21 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, Araraquara, 2003.

CAVALCANTI Virgínia et al. **O papel da representação social na construção da identidade adolescente.** Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/273.%20o%20papel%20da%20representa%C7%C3o%20social%20na%20constru%C7%C3o%20da%20identidade%20adolescente.pdf> Acesso em: 05 jan. 2015.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao Roteiro: Teoria e prática.** Rio de Janeiro: Summus, 2009.

COUTINHO, Eduardo. **O Cinema Documentário e a escuta sensível da alteridade.** Projeto História, São Paulo, v. -, n. -, p.165-191, 15 abr. 1997. Disponível em: <http://www.nextimagem.com.br/wpcontent/uploads/Coutinho_Documentario_escuta_sensivel_alteridade.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DOMINGUES JR., P. L. **População de rua, cooperativa e construção de uma cidadania** (um estudo de caso sobre a COOPAMARE - Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis Ltda.). 158 f. 1998. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. In: SP, Conselho Regional de Psicologia de. **Psicologia e Diversidade Sexual.** São Paulo: CRP SP, 2011. p. 10-19.

FLEGAL, Katherine et al. **Excess Deaths Associated With Underweight, Overweight, and Obesity.** 2005. Disponível em: <<http://jama.jamanetwork.com/article.aspx?articleid=200731>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

How Did It Feel To Come Out? Buzzfeed Yellow, 2014 (3 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dp4s8yiDnUA>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

HOOKS, B. **Intelectuais negras.** Estudos Feministas, n. 2, p. 464-478, 1995.

HURLEY, Chad. **O Youtube e a Revolução dos vídeos online.** 2010. Disponível em: <<http://youtubebrblog.blogspot.com.br/2010/02/o-youtube-e-revolucao-dos-videos-on.html>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

LANZ, Leticia. **O Corpo da Roupa.** Curitiba: Editora Transgente, 2014.

LEMOS, R. In: SAVAZONI, R; COHN, S. (Orgs). **Cultura digital.br.** Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

LUIZA DRUBSCKY. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil.** 2015. Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

MARQUES, M. F. J. ; Eliana Costa Guerra. **Patriarcado e a reprodução da violência de gênero na mídia televisiva brasileira**. In: Jornada de Políticas Públicas, 2009, São Luís - MA. Neoliberalismo e lutas sociais: perspectivas para as políticas públicas. São Luís - MA: Multicenter SEBRAE, 2009.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MATTOS, Rafael. **Sou gordo, sou anormal?** Rio De Janeiro: Paco Editorial, 2007. Disponível em: <<http://editorialpaco.com.br/sou-gordo-sou-anormal/>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

MATTOS, R. M & FERREIRA, R. F. **Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua**. Psicol. Soc. Vol.16 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007#nt>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MENDONÇA, Luciana. **A não representação da mulher negra na mídia**. 2014. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2014/09/nao-representacao-da-mulher-negra-na-midia/>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

MELO, Mariana. **Prefeitura lança programa de apoio às transexuais**. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/prefeitura-lanca-programa-de-insercao-social-as-mulheres-transexuais-582.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MIGLIORIN, Cezar et al (Org.). **Ensaio no Real: O documentário brasileiro hoje**. São Paulo: Azougue Editorial, 2010.

NANOOK, o esquimó. Direção de Robert Flaherty. 1922. P&B.

NASCIMENTO, E. P. **Juventude: novo alvo da exclusão social**. In: BURSZTYN, M. (Org.). No meio da rua: nômades excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 121-138.

NASCIMENTO, Kassiele. **Sobre hiperssexualização de nossos corpos**. 2015. Disponível em: <<http://juntos.org.br/2015/02/sobre-hiperssexualizacao-dos-nossos-corpos/>>. Acesso em: 02 ago. 2015

NOGUEIRA, C. **Feminismo e Discurso do Gênero na psicologia Social**. 2001. Disponível online em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discurso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>>. Acesso em 5 fev. 2016.

O'BRIEN, K.S. et al. **Obesity discrimination: the role of physical appearance, personal ideology, and anti-fat prejudice**. Londres: International Journal of Obesity, 2012.

OLIVEIRA, E. R. B. **“Minha vida de ameoba”**: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. 2014. Disponível para download em <file:///C:/Users/Juliana/Documents/ETT%20-%20Relat%C3%B3rio/ELISABETE_REGINA_BAPTISTA_DE_OLIVEIRA_rev.pdf>. Acesso em 5 fev. 2016.

OLIVEIRA, Fabíola. **Sexo e as Nega**: A conexão perversa entre o estereótipo e o racismo. 2014. Disponível em: <<http://pretaegorda.blogspot.com.br/2014/09/sexo-e-as-negas-conexao-perversa-entre.html>> Acesso em: 10 ago. 2015

PACHECO, Ana. **Mulher negra: Afetividade e solidão**. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2013.

Pesquisa Hábitos e Comportamento dos usuários de redes sociais no Brasil. **Elife**. Disponível em: <http://elifemagazine.com.br/cadastropapers/?paper=elifemagazine_estudo_de_habitos_em_redes_sociais_2013>. Acesso em: 10 ago. 2015 (é necessário efetuar login no site para acessar os resultados da pesquisa)

PUHL, R.M. et al. **Cross-national perspectives about weight-based bullying in youth**: nature, extent and remedies. Connecticut: Original Research, 2015.

RODRIGUES, Gilson. **(IN)VISIBILIDADE SOCIAL: O JOGO DRAMÁTICO ENTRE VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE DOS ATORES SOCIAIS**. 2007. Disponível em: <http://www.enapet.ufsc.br/anais/IN_VISIBILIDADE_SOCIAL_O_JOGO_DRAMATICO_ENTRE_VISIBILIDADE_E_INVISIBILIDADE_DOS_ATORES_SOCIAIS.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2016.

SENA, Isabela. **Da Tia Nastácia à Globeleza**. 2014. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/06/23/da-tia-nastacia-a-globeleza/>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

SENA, Isabela. **Sarah Baartman e a hipersexualização da mulher negra**. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/03/23/sarah-baartman-e-a-hipersexualizacao-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

Sexo e as nega. Direção de Miguel Falabella. 2014. Son. Col.

SILVA, T. T. (org.), HALL, S. WOODWARD, K. **Identidade e diferença; a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2000.

SOARES, Luiz Eduardo. **Juventude e violência no Brasil contemporâneo**. In: BILL, MV; ATHAYD, Celso; SOARES, Luiz Eduardo. Cabeça de porco. São Paulo: Objetiva, 2005.

The Asexual Visibility & Education Network, 2001. Disponível em <www.asexuality.org/home/?q=overview.html>. Acesso em 5 jan. 2016.

TRANS EUROPE. **Trans Murder Monitoring**. 2015. Disponível em: <http://www.transrespect-transphobia.org/en_US/tvt-project/tmm-results/idahot-2015.htm>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Whores' Glory. Direção de Michael Glawogger. Bangkok, Faridpur e Reynosa: Loberfilms, 2011. (119 min.), son., color.

ANEXOS

ANEXO 1 – Roteiro de “Eu não sou meu sexo”

ANEXO 2 – Roteiro de “Preconceito tamanho GG”

ANEXO 3 – Roteiro de “Mundo da rua”

ANEXO 4 – Roteiro de “Sexo? Prefiro bolo!”

ANEXO 5 – Roteiro de “Tire seu racismo do meu corpo!”

ANEXO 6 – Plano de Patrocínio Lojas Físicas

ANEXO 7 – Plano de Patrocínio Lojas Virtuais

ANEXO 8 – Locações

ANEXO 9 – Ordem dos dias

ANEXO 1 – Roteiro de “Eu não sou meu sexo”

VÍDEO	VIVO/VT/OFF	ÁUDIO
Créditos iniciais	VT	Entrevistados se apresentam (Nome, Idade, cidade...)
Vinheta do Canal	VT	
Planos médios do entrevistado e detalhes dos entrevistados variando	VIVO	<p>Se você tivesse que explicar a transsexualidade para alguém que nunca ouviu o termo, o que diria para essa pessoa? (perguntar diferença entre trans e travesti POLITELY)</p> <p>Conte-nos um pouco de sua história. Sua infância e sua relação com seu corpo, quando você entendeu o que era a transsexualidade</p> <p>Depois de se entender, se assumir, e começar sua <transição> (outra palavra), qual foi a mudança na sua relação com o espelho?</p> <p>O que vc pensa sobre a representacao de pessoas trans na mídia?</p> <p>É comum vermos filmes que tem um personagem transsexual que é representado por um ator ou uma atriz cis. Como você enxerga isso? (Ex: transparent)</p> <p>Sabemos que muitos transexuais e travestis acabam abandonando a escola, ou tendo um acesso mais difícil a cursos técnicos e superiores. Como foi/é sua relação com a escola, a universidade? (Falar sobre PNE)</p> <p>Quanto ao ingresso no mercado de trabalho, você sentiu dificuldade, como que foi o processo? (<i>Não vale pro Eros</i>)</p> <p>A comunidade LGBT parece não priorizar muito as pautas dos transexuais, e algumas vertentes do movimento feminista se mostram bastante transfóbicas, o que torna a mobilização da comunidade trans mais difícil. Entretanto(s) rs, com as mídias sociais as pessoas conseguem ter mais acesso a conteúdos e umas as outras. Você acredita que as mídias digitais tem colaborado com a uma maior mobilização das pessoas trans?</p>

	VIVO	<p>Ainda considerando as novas mídias, você acredita que elas tem colaborado para a visibilidade da comunidade transexual?</p> <p>Imagine que uma pessoa está passando por algo que você já passou (ou já viu outros passarem) seja se descobrindo e aceitando transexual, tendo que lidar com a família, sofrendo com a transfobia tanto na rua como mesmo em instituições como escola, igreja está assistindo esse vídeo. O que você diria pra essa pessoa?</p> <p>Pergunta específica Eros: Você pretende fazer faculdade? De que? O que você espera do ambiente universitário</p> <p>Pergunta Específica Leticia: Existem alguns estudos e debates sobre a transsexualidade nas universidades, principalmente em cursos como psicologia, sociologia, antropologia. Esses debates, entretanto, são restritos a uma maioria cis-gênera, com uma pequena participação das pessoas trans em si. Que tipo de medida você acredita que sejam necessárias para que as pessoas trans tenham mais acesso ao meio acadêmico? (Citar caso Maria)</p> <p>Pergunta específica Ana: Você é moderadora da comunidade “Sou Transexual Sim” no facebook. Conte-nos um pouco da sua experiência moderando essa comunidade. As pessoas te procuram pedindo ajuda? Como você as ajuda? Existe algo que torne esse trabalho mais complicado?</p>
CRÉDITOS	VT	

	Vivo	<p>Como você se vê representada pela mídia e o que sente em relação a papéis dados para atrizes/atores gordas(os)?</p> <p>Você se sente bonita e feliz com seu corpo?</p> <p>Como é/foi o processo de aceitação e amor com seu corpo, em meio à tanta pressão para estar dentro dos padrões?</p> <p>O que você gostaria de dizer pras pessoas que acreditam que peso é sinônimo de falta de saúde, de cuidado, de auto-estima?</p> <p>ESPECÍFICAS PRA MARIANA DORNELAS - O que te incentivou a fazer a cirurgia bariátrica?</p> <p>Como foi esse processo emocional e físico?</p> <p>A sua relação com seu corpo mudou após a cirurgia?</p> <p>A mudança no seu corpo refletiu de alguma forma na maneira que as pessoas te tratam?</p> <p>O que você gostaria de dizer para pessoas gordas que estão com dificuldades para aceitar seu corpo e sofrendo com a pressão de amigos e familiares?</p>
VT Final		Trilha

ANEXO 3 – Roteiro de “Mundo da rua”

VÍDEO	VIVO/VT/OFF	ÁUDIO
Créditos iniciais	VT	Trilha
Vinheta do Canal	VT	Som direto
Planos médios do entrevistado e detalhes dos entrevistados variando	VIVO	<p>Faz quanto tempo você tá na rua?</p> <p>Morar aqui foi uma escolha sua ou você veio por algum outro motivo? Se importa se eu te perguntar qual é esse motivo?</p> <p>Conta pra mim, como é viver nas ruas? (Elaborar melhor pra puxar assunto)</p> <p>E as noites aqui, são muito difíceis? (Frio, calor...)</p> <p>Quais as maiores dificuldades que você encontra por aqui?</p> <p>Como é a questão da higiene? (Necessidades fisiológicas, banho, cortar cabelo, como homens fazem a barba, como as mulheres fazem quando estão menstruadas...)</p> <p>[Perguntar apenas se eles responderem sobre os abrigos na pergunta de cima] E os abrigos, você tem um acesso fácil a eles? Como são tratados lá? É sempre que consegue ajuda deles? (Desenvolver de acordo com as respostas deles)</p> <p>Rola muita droga por aqui? [Perguntar caso a pessoa diga que não se envolve com droga] Como é conviver com isso, com a galera que fica muito doida? Te enchem o saco?</p> <p>Como as pessoas geralmente são com você? Elas são legais ou te tratam mal? Você sente que as pessoas têm muito preconceito?</p> <p>Você já chegou a sofrer algum tipo de violência por aqui? Já roubaram alguma coisa que você tinha?</p>

	VIVO	<p>[Para as mulheres] Você sofre muito assédio por aqui? Se sim, é mais dos moradores de rua ou de pessoas que passam por aqui e se acham no direito de mexer com você?</p> <p>Conta pra mim, você tem muitos amigos? [Caso não] Você se sente muito sozinho?</p> <p>Você tem algum ídolo, alguém em quem você se espelha ou então que gostaria de ser?</p> <p>Você namora? Desculpa ser tão intrometida, é que é uma curiosidade que muita gente tem. Como você faz pra transar, vai aqui na rua mesmo?</p> <p>Você quer sair da rua? Tem vontade de ter um lugar só seu?</p> <p>Qual seu maior sonho?</p> <p>Manda um recado pra galera de casa, fala pra eles alguma coisa que você já quis dizer e não teve oportunidade</p>
CRÉDITOS	VT	

ANEXO 4 – Roteiro de “Sexo? Prefiro bolo!”

VÍDEO	VIVO/VT/OFF	ÁUDIO
Créditos iniciais	VT	Trilha
Vinheta do Canal		Som direto
Planos médios do entrevistado e detalhes dos entrevistados variando	VIVIO	<p>Entrevistados se apresentam (Nome, Idade, cidade, como você se identifica...)</p> <p>Imagine que uma pessoa leiga está assistindo esse vídeo. Como você explicaria para ela o que é a assexualidade (ou demi ou gray-a)?</p> <p>Vivemos em uma sociedade que sexualiza quase tudo que existe. Como foi pra você se descobrir assexual (ou demi, ou gray-a)?</p> <p>Durante minhas pesquisas sobre assexualidade, ouv^{*i} de várias pessoas que a mídia quase nunca retrata assexuais, mas quando retrata acaba mostrando-os como pessoas frias, esquistas. Você sente que as pessoas tem essa visão dos assexuais? Se sim, qual seria o caminho para desconstruí-la</p> <p><i>(Apenas para assex. Românticos):</i> Você já passou por uma situação em que estava interessado por alguém, e a pessoa sentia o mesmo, mas não sabia que você é assexual? Como você lidou com a situação? Depois de contar, a relação de vocês mudou?</p> <p><i>(Apenas para assex. Românticos):</i> Aplicativos para conhecer pessoas (como o tinder, o ok cupid, etc) são bastante comuns hoje em dia. Entretanto, as pessoas usam eles procurando parceiros sexuais. O que você acha desses aplicativos? Você já usou? Se sim, conte-nos sua experiência.</p> <p>As baladas também são um ambiente em que tudo é muito sexual. As músicas falam sempre sobre sexo e pegação, e muitas pessoas estão lá procurando “algo a mais”. Você se sente confortável nesses ambientes? Você já deixou de ir em alguma festa apenas por isso?</p>

		<p><i>(Apenas assex românticos)</i>: Algumas pessoas acreditam que assexuais românticos só podem ter relações com outros assexuais românticos. O que você pensa sobre isso?</p> <p><i>(Apenas para assex românticos)</i>: Você acredita que apaixonar-se numa relação assexual é diferente de outra situação?</p> <p>Você faz parte de algum grupo, comunidade, fórum sobre assexualidade? Você acredita que as redes sociais e a internet de maneira geral tem dado mais visibilidade à comunidade assexual?</p> <p>Imagine que alguém que está se descobrindo ou passando por algum período ruim pelo fato de ser assexual está assistindo esse vídeo. O que você diria para essa pessoa?</p> <p>Pergunta Específica Giovani Flores: A nossa sociedade exige de todo mundo que nasce com um pênis que essa pessoa seja “ máscula”, que pegue todo mundo, que sejam “os transões do role”, que esbanjem testosterona por aí. Muitos gays e transsexuais acabam ouvindo comentários maldosos e sofrendo preconceito por fugirem desse padrão. Você acha que isso atinge os assexuais? De que maneira?</p>
CRÉDITOS	VT	

ANEXO 5 – Roteiro de “Tire seu racismo do meu corpo!”

VÍDEO	VIVO/VT/OFF	ÁUDIO
<p>Créditos iniciais</p> <p>Vinheta do Canal/Assunto</p> <p>Detalhes da pessoa entrevistada e do ambiente</p> <p>Plano médio da entrevistada e planos detalhe da arte e da entrevistada durante toda a entrevista</p>	<p>VT</p> <p>VIVO</p>	<p>Trilha</p> <p>Você já sentiu q seu corpo é sexualizado de forma diferenciada de mulheres brancas? Quando/Como você sentiu isso?</p> <p>Como você vê a hiperssexualização das negras na mídia, seja no audiovisual com videoclipes, novelas, filmes, seja em jornais e textos, seja nas artes? Você tem exemplos?</p> <p>Como esse modo de representação das negras influenciou na criação da sua personalidade?</p> <p>Onde você acha que estão as raízes desse cenário e o que continua perpetuando- as?</p> <p>Em contrapartida à sexualização exacerbada do corpo de vocês, você acha que, entre as pessoas que não se aprofundam nessa discussão, há uma ideia de que as negras "devem" então repreender qualquer sexualidade, para "não reforçar estereótipos"? (Algo na mesma linha de dizer que para as mulheres não serem estupradas, devem se comportar)</p> <p>A Nicki Minaj recentemente foi, entre muitas outras, homenageada com uma boneca de cera no museu de Las Vegas, em uma posição bem sexualizada, fazendo referência ao seu videoclipe "Anaconda". Você acha que a representação seria semelhante para cantoras como Miley Cyrus, que embora também se apresente sexualizada, é branca?</p> <p>Falando em arte em música, como você enxerga a questão "Carnaval e mulheres negras"? (Por ser uma festa que deveria ser</p>

<p>Inserir inserts do caso</p>		<p>protagonizada por negras, mas acabou protagonizada por brancas e com as negras delegadas ao papel de objeto de desejo sexual?)</p> <p>As pessoas tem o hábito de fazer comentários sobre determinados grupos de minorias, de uma forma que acreditam ser elogios. Especificamente com as negras, vocês ouvem coisas como "você é uma negra linda", "que cabelo lindo, posso tocar?", entre outros. Um desses comentários inconvenientes é chamar uma negra de "mulata tipo exportação". Qual a problemática desse termo e como ele se relaciona com e extrema sexualização do corpo negro feminino?</p> <p>Indo para um lado mais pessoal... A hiperssexualização, além do que expomos até agora, também traz outros lados perversos. Nesse ponto, como a vida afetiva de vocês é afetada frente à essa construção social?</p> <p>Você já usou algum aplicativo de encontros, como tinder? Como foi sua experiência dentro dessa plataforma?</p> <p>Em meio à tantos desafios, o que ser negra representa pra você?</p> <p>Hoje em dia, qual a sua relação com seu corpo? (positiva, negativa, de luta, resistência, etc)</p> <p>O que você gostaria de dizer para outras mulheres negras que estão assistindo esse vídeo?</p>
<p>CRÉDITOS</p>		<p>VT</p>

ANEXO 6 – Plano de Patrocínio Lojas Físicas



Produção audiovisual para Youtube

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Comunicação Social - Radialismo

O Projeto

"Entretantos" é um canal do Youtube que se propõe a dar espaço e voz, através de minidocumentários, a grupos marginalizados ou escrachados pela grande mídia, como gordos, transexuais e pessoas em situação de rua. Visando a inclusão social dos tidos "fora dos padrões" e, portanto, a quebra de paradigmas sobre os mesmos, "Entretantos" se fundamenta no comprometimento de uma representação justa e séria desses grupos "invisíveis", de modo a aumentar a identificação com o público e impedir o reforço e a propagação de estereótipos e seus consequentes preconceitos.

Objetivo

Oferecer espaço, com a máxima seriedade, a grupos retratados de maneira negligente pela grande mídia e, através de relatos de vivências dos mesmos, instigar no espectador reflexões perante julgamentos banalizados e colaborar na quebra de preconceitos sobre aqueles que não seguem padrões determinados e estabelecidos em nosso meio.

Visibilidade

"Entretantos" é um canal do Youtube, plataforma midiática extremamente popular nos dias atuais. A importância desse meio se dá pela sua potente capacidade de democratização da participação popular na criação de conteúdos, permitindo que grupos anteriormente excluídos do grande circuito de retratação tenham seu espaço e também alta visibilidade.

Patrocínio e Apoio

Apoio Cultural - empréstimo ou doação de materiais necessários à produção, como tintas, tecidos, pincéis, fitas, tesoura e/ou valores abaixo de R\$ 150,00.

Cota Prata - R\$ 150,00 a R\$ 299,99

Cota Ouro – a partir de R\$ 300,00

Exposição da marca

Apoio Cultural: inserção de logotipo da empresa nos créditos finais juntamente com outras empresas encaixadas no mesmo plano, em tela exclusiva. Máximo de seis empresas, com duração da tela em exibição de quatro segundos. Chancela de "Apoio".

Cota Prata: inserção do logotipo da empresa nos créditos finais, em tela exclusiva. Máximo de duas empresas, com duração da tela em exibição de cinco segundos. Chancela de "Co Patrocinado por".

Cota Ouro: inserção do logotipo da empresa nos créditos iniciais, em espaço exclusivo de quatro segundos, além de logotipo da empresa ao término dos créditos finais. Chancela de "Patrocinado por".

ANEXO 7 – Plano de Patrocínio Lojas Virtuais



Produção audiovisual para Youtube

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Comunicação Social - Radialismo

O Projeto

"Entretantos" é um canal do Youtube que se propõe a dar espaço e voz, através de minidocumentários, a grupos marginalizados ou escrachados pela grande mídia, como gordos, transexuais e pessoas em situação de rua. Visando a inclusão social dos tidos "fora dos padrões" e, portanto, a quebra de paradigmas sobre os mesmos, "Entretantos" se fundamenta no comprometimento de uma representação justa e séria desses grupos "invisíveis", de modo a aumentar a identificação com o público e impedir o reforço e a propagação de estereótipos e seus consequentes preconceitos.

Objetivo

Oferecer espaço, com a máxima seriedade, a grupos retratados de maneira negligente pela grande mídia e, através de relatos de vivências dos mesmos, instigar no espectador reflexões perante julgamentos banalizados e colaborar na quebra de preconceitos sobre aqueles que não seguem padrões determinados e estabelecidos em nosso meio.

Visibilidade

"Entretantos" é um canal do Youtube, plataforma midiática extremamente popular nos dias atuais. A importância desse meio se dá pela sua potente capacidade de democratização da participação popular na criação de conteúdos, permitindo que grupos anteriormente excluídos do grande circuito de retratação tenham seu espaço e também alta visibilidade.

Patrocínio e Apoio

Apoio Cultural – Valores até R\$ 150,00

Cota Prata - R\$ 150,00 a R\$ 299,99

Cota Ouro – a partir de R\$ 300,00

Exposição da marca

Apoio Cultural: inserção de logotipo da empresa nos créditos finais juntamente com outras empresas encaixadas no mesmo plano, em tela exclusiva. Máximo de seis empresas, com duração da tela em exibição de quatro segundos. Chancela de "Apoio".

Cota Prata: inserção do logotipo e endereço virtual da empresa nos créditos finais, em tela exclusiva. Máximo de duas empresas com duração da tela em exibição de cinco segundos. Chancela de "Co Patrocinado por". Product Placement através do uso de um produto da marca durante a gravação do filme, desde que de acordo, relacionado ou neutro ao tema exibido, através de produtos cedidos pela mesma. Chancela de "Patrocinado por".

Cota Ouro: inserção do logotipo da empresa nos créditos iniciais, em espaço exclusivo de quatro segundos, e logotipo e endereço virtual da empresa ao término dos créditos finais. Além disso, Product Placement através do uso de um produto da marca durante a gravação do filme, desde que de acordo, relacionado ou neutro ao tema exibido, através de produtos cedidos pela mesma. Chancela de "Patrocinado por".

ANEXO 8 – Locações

Caos Bar e Antiquidades

Rua Augusta, 584 - Consolação - São Paulo – SP Sábados das 12h às 19h

Telefone: (011) 2365-1260



Bar Genial

Rua Girassol, 374 - Vila Madalena, São Paulo Sábado a partir das 12h.

(11) 3812-7442



Melograno Bar

Rua Aspicuelta, 436 - Alto de Pinheiros, São Paulo - SP Sábado a partir das 12h

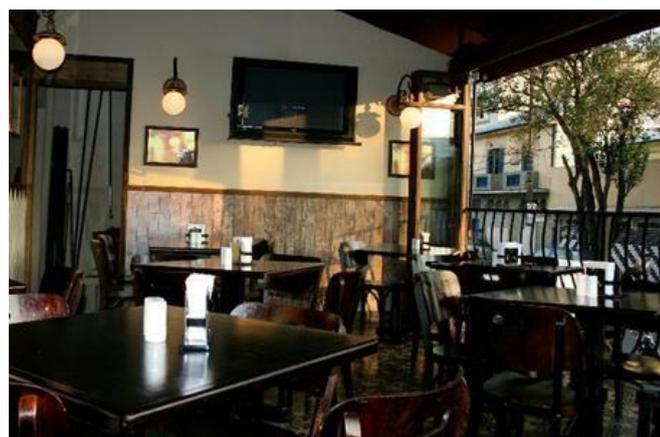
(11) 3031-2921



Boteco Coutinho

R. Fradique Coutinho, 1074 - Vila Madalena, São Paulo Sábados a partir das 12h

(11) 3031-6586



Seu Domingos

Rua Fidalga, 209 - Vila Madalena - São Paulo - SP Sábados a partir das 12h.

(011) 3819-404



Akbar Lounge & Disco

Rua Inácio Pereira da Rocha, 109 - Pinheiros, São Paulo

Sábados a partir das 21h30. Alugam para eventos. Podemos ver se há possibilidade de gravar de tarde. Por ter vários ambientes, seria bacana. (11) 3816-1694



Studio SP

Rua Augusta, 591 – Consolação, São Paulo Ligar para saber horários de sábado.

(11) 3129-7040



Drosophyla Bar

Rua Nestor Pestana, 163 - Consolação, São Paulo - SP, 01303-010 Sábados a partir das 18h.

(11) 3120-5535



ANEXO 9 – Ordem dos dias

Entretantos- ORDEM DO DIA # 03 DE 06 – SÁBADO, 26 DE SETEMBRO DE 2015

Diretoras: Beatriz Canto e Livia Sarno

<p>LOCAÇÃO/SET: PICNIC - RUA AUGUSTA, 1360 CONSOLAÇÃO - SÃO PAULO</p>	<p><u>HORÁRIO DA DIÁRIA: 12h00 ÀS 20h00</u></p> <p>CHEGADA: 12h00 CORTANDO A CÂMERA: 19h30 DESPRODUÇÃO: 19h30 às 20h00</p>
---	--

HH	Planos	Locação	Pessoa/Tema	OBSERVAÇÕES
PREPARA: 12h15 às 13h00 FILMA: 13h00 às 14h00	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Picnic	Patrícia Nechar - Hiperssexualização da mulher negra	
PREPARA: 14h00 às 14h20 FILMA: 14h20 às 15h20	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Picnic	Aline Ramos - Hiperssexualização da mulher negra	
PREPARA: 15h20 às 15h40 FILMA: 15h40 às 16h40	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Picnic	Eros de Oliveira - Transexualidade	Transição de cenário
PREPARA: 16h40 às 17h00 FILMA: 17h00 às 18h00	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Picnic	Ana Beatriz Santos - Transexualidade	
PREPARA: 18h00 às 18h20 FILMA: 18h20 às 19h20	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Picnic	Letícia Lanz - Assexualidade	Transição de cenário

INFORMAÇÕES ÚTEIS:		
Beatriz Canto : (14) 981395431	Juliana Severino: (14) 981174682	Bruno Kühl: (15)981030106
Letícia Borba: (16) 981334741	Lívia Sarno: (11) 9 81097081	Leandro Freitas: (14) 997184652
Mayara Bailo: (14) 996836449		

Entretantos - ORDEM DO DIA # 04 DE 06 – DOMINGO 27 DE SETEMBRO DE 2015

Diretoras: Beatriz Canto e Lívia Sarno

LOCAÇÃO/SET: CAOS BAR & ANTIGUIDADES - R. Augusta, 584 - Jardim Paulista, São Paulo	<u>HORÁRIO DA DIÁRIA: 12h00</u> <u>ÀS 18h15</u> CHEGADA: 12h00 CORTANDO A CÂMERA: 17h50 DESPRODUÇÃO: 17h50 às 18h15
---	--

HH	Planos	Locação	Pessoa/Tema	OBSERVAÇÕES
PREPARA: 12h15 às 13h00 FILMA: 13h00 às 14h00	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Caos	Bárbara Souza - Assexualidade	
PREPARA: 14h00 às 14h15 FILMA: 14h20 às 15h20	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Caos	Tamara Correia - Hipersexualização da mulher negra	Transição de cenário
PREPARA: 15h20 às 15h30 FILMA: 15h35 às 16h35	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Caos	Joice Berth - Hipersexualização da mulher negra	
PREPARA: 16h35 às 16h50	Câmera entrevista +	Caos	Vanessa Dal - Gordofobia	Transição de cenário

FILMA: 16h50 às 17h50	Câmera detalhes			
INFORMAÇÕES ÚTEIS:				
Beatriz Canto : (14) 981395431		Juliana Severino: (14) 981174682		Bruno Kühl: (15)981030106
Leticia Borba: (16) 981334741		Livia Sarno: (11) 9 81097081		Leandro Freitas: (14) 997184652
Mayara Bailo: (14) 996836449				

Entretantos - ORDEM DO DIA # 06 DE 06 – SÁBADO, 02 DE OUTUBRO DE 2015

Diretora: Livia Sarno

LOCAÇÃO/SET: Reptilia - R. Professor Gérson Rodrigues - Cidade Universitária,	<u>HORÁRIO DA DIÁRIA: 18h00 ÀS 22h00</u> CHEGADA: 18h00 CORTANDO A CÂMERA: 21h45 DESPRODUÇÃO: 21h45 às 22h00
--	---

HH	Planos	Locação	Pessoa/Tema	OBSERVAÇÕES
PREPARA : 18h00 às 19h00 FILMA: 19h00 às 19h50	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Reptilia	Ariel - Transsexualidade	
FILMA: 19h55 às 20h35	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Reptilia	Saishy - Transsexualidade	
PREPARA : 20h35 às 20h50 FILMA: 20h50 às 21h40	Câmera entrevista + Câmera detalhes	Reptilia	Ariel - Assexualidade	Transição de cenário